

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

“Júlio de Mesquita Filho”

Instituto de Artes – Campus São Paulo

YASMIN KAORI FUKUMOTO

**DITCHAN, VOCÊ SE FOI, MAS EU CONTINUO AQUI:
processo de criação de uma história em quadrinhos
independente**

São Paulo, SP

2024

YASMIN KAORI FUKUMOTO

**DITCHAN, VOCÊ SE FOI, MAS EU CONTINUO AQUI:
processo de criação de uma história em quadrinhos
independente**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Artes
Visuais.

Orientadora: Prof^a Dr^a Rosangela da Silva.
Leote

Coorientador: Me. Rodrigo Dorta
Marques.

São Paulo, SP

2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação do
Instituto de Artes da Unesp. Dados fornecidos pelo autor.

F961d Fukumoto, Yasmin Kaori (Kworin), 2001-

Ditchan, você se foi, mas eu continuo aqui : processo de criação de uma
história em quadrinhos independente / Yasmin Kaori Fukumoto. -- São Paulo,
2024.

83 f. : il.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosangela da Silva Leote.

Coorientador: Prof. Me. Rodrigo Dorta Marques.

Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Artes. 2. Histórias em quadrinhos. 3. Arte por computador. 4. Criação
(Literária, artística, etc.). I. Leote, Rosangella (Rosangela da Silva Leote). II.
Marques, Rodrigo Dorta. III. Universidade Estadual Paulista, Instituto de Artes.
IV. Título.

CDD 741.5

Bibliotecária responsável: Luciana Corts Mendes - CRB/8 10531

YASMIN KAORI FUKUMOTO

**DITCHAN, VOCÊ SE FOI, MAS EU CONTINUO AQUI:
processo de criação de uma história em quadrinhos
independente**

Trabalho de conclusão de curso
apresentado ao Instituto de Artes da
Universidade Estadual Paulista “Júlio de
Mesquita Filho”, como requisito para
obtenção do título de Bacharel em Artes
Visuais.

.

Trabalho de conclusão de curso aprovado em: 20 / 08 / 2024

Banca examinadora

Profª Drª Rosangela da Silva Leote

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” — Orientadora

Me. Rodrigo Dorta Marques

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” — Coorientador

Me. Tatiane Colevati dos Santos

Universidade Estadual de Campinas



Para meu ditchan, Hideo, e todos que de certa
forma fazem parte de quem eu sou.

RESUMO

Este trabalho objetiva explorar todo o processo de criação de “Ditchan, você se foi, mas eu continuo aqui”, uma história em quadrinhos (HQ) autoral independente que aborda reflexões sobre o luto. Desde as primeiras ideias, até a arte finalização e, enfim, a venda, foram necessárias várias etapas, documentadas através de fotos, rascunhos, anotações e ilustrações. Também são exploradas referências narrativas e visuais que contribuíram ao projeto, sendo elas livros e outras HQ's. Além do processo, busca-se contextualizar as definições de HQ e entendê-la como uma mídia artística, junto da ilustração digital, ferramenta utilizada para sua produção. Ao final, compartilha-se sobre como foram as vendas e a recepção do público. Assim, torna-se evidente que a escolha de explorar os desafios e técnicas do processo de criação de um quadrinho é benéfica tanto àqueles que também desejam criar sua história quanto aos que procuram compreender melhor como funciona seu desenvolvimento.

Palavras-chave: história em quadrinhos; HQ; luto; ilustração digital; autobiografia; processo criativo.

ABSTRACT

This work aims to explore the entire creation process of "Ditchan, you were gone, but I'm still here," an independent autobiographical comic that addresses thoughts on grief. From initial ideas to the final artwork and finally sales, several steps were necessary, all of which have been documented here through photos, sketches, notes, and illustrations. Narrative and visual references that contributed to the project, including books and other comics, are also present. In addition to the process itself, it is important to contextualize the definitions of comics and understand it as an artistic medium, alongside digital illustration, a tool used in its production. Finally, insights are shared about sales and public reception. Thus, it is noted that exploring the challenges and techniques of comic creation is beneficial both to those who aspire to create their own stories and to those seeking a better understanding of its development process.

Keywords: comics; graphic novel; grief; digital illustration; autobiography; creative process.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURAS

Figura 1 - Tirinha "Por que quadrinhos?"	15
Figura 2 - Foto e Ilustração Ditchan	16
Figura 3 - Diário Ilustrado	16
Figura 4 - Diário Ilustrado	17
Figura 5 - Diário Ilustrado	17
Figura 6 - Tirinha "Roteiro"	20
Figura 7 - Anotações sobre luto	21
Figura 8 - Storyboard 1	22
Figura 9 - Storyboard 2	23
Figura 10 - Rascunhos	24
Figura 11 - Minha experiência lésbica com a solidão	27
Figura 12 - Tirinha "Sentimentos ruins"	28
Figura 13 - Tirinha "Por que continuo?"	29
Figura 14 - Marcação Storyboard	30
Figura 15 - A garota do mar	31
Figura 16 - A garota do mar e Ditchan	32
Figura 17 - Heartstopper	33
Figura 18 - Ditchan	34
Figura 19 - Depressão pós storyboard	35
Figura 20 - Testes de cor	36
Figura 21 - Rascunho	38
Figura 22 - Balões e Quadros	39
Figura 23 - McCloud - Linhas e Trações - página 120	40
Figura 24 - Lineart	41
Figura 25 - Página Final	42
Figura 26 - Revisão	43
Figura 27 - Versões teste e capa final	44
Figura 28 - Onigiri	45
Figura 29 - Diagramação	46

Figura 30 - Capa e contracapa	47
Figura 31 - Tirinha "Finalizando o quadrinho"	48
Figura 32 - Reações na CCXP	49
Figura 33 - Quadrinho impresso e brindes	51

QUADROS

Quadro 1 - Cronograma	19
------------------------------	----

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	DO LUTO AOS PRIMEIROS ESBOÇOS	12
2.1	Por que quadrinho, dentre tantas mídias?	14
2.2	Processos dentro do <i>storyboard</i>	26
3	STORYBOARD PRONTO, E AGORA?	37
4	COMPARTILHANDO MINHA HISTÓRIA	50
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	55
	APÊNDICE A – “Ditchan, você se foi, mas eu continuo aqui”	56

1 INTRODUÇÃO

A criação e produção de uma história em quadrinhos independente pode ser desafiadora, já que requer diversas etapas para sua finalização. Assim como qualquer outra área criativa, cada artista tem seu processo criativo individual, apesar disso há fundamentos em que podemos nos apoiar que servem como base para um melhor desenvolvimento das nossas ideias. Ainda, entrar em contato com processos criativos de outros artistas pode oferecer direcionamentos e até ferramentas que solucionam algum problema que podemos estar tendo dificuldade.

Desta forma, compartilho neste trabalho todo o processo de criação de “Ditchan, você se foi, mas eu continuo aqui”, um quadrinho independente e autobiográfico que aborda reflexões sobre a morte, a vida e o amor, decorrentes do luto a partir do falecimento de meu avô, ou meu ditchan, em 2022. O desenvolvimento desse projeto está documentado através de registros imagéticos (como rascunhos e ilustrações tradicionais e digitais) e registros textuais, em forma de relatos ou anotações.

No capítulo “Do luto aos primeiros esboços”, compartilho minhas motivações e objetivos ao criar este quadrinho, sendo a principal, tratar a morte e luto de maneira natural e acolhedora. Junto, exploro as definições do que é uma história em quadrinhos (HQ), segundo McCloud (1993), García (2012) e David Kunzle (1973), pois antes de entender seu processo de criação é interessante compreender suas limitações e características. Incluo também as primeiras anotações para que a minha HQ tomasse forma, criadas em forma de diário, com relatos e reflexões que surgiam em mente sem discriminação, essas anotações estão acompanhadas de aquarelas baseadas nas cenas descritas.

Neste trabalho, é considerada toda documentação imagética pois, segundo a pesquisa educacional baseada em arte, termo que surge em “Pesquisa baseada em arte: A/R/Tografia” (2013), o registro de anotações e esboços são primordiais para que haja a compreensão total de pesquisas que envolvem o processo criativo artístico ou a vivência do artista. No caso, a A/R/Tografia se refere a uma metodologia voltada para artistas educadores e pesquisadores, mas acredito que trazer essa documentação imagética é muito válido para artistas pesquisadores fora da educação também.

Após todo o primeiro planejamento, com cronograma, ideias e objetivos anotados, sigo para a criação do *storyboard*, um rascunho do que será o quadrinho final. Durante essa criação, me baseio em dois quadrinhos autobiográficos: “Minha experiência lésbica com a solidão” (2019), de Kabi Nagata, e “Vozes Amarelas” (2023) de Monge Han. Como referências visuais para a composição, utilizo “Heartstopper” (2022), de Alice Oseman, e “A garota do mar” (2022), de Molly Knox Ostertag.

No capítulo “Storyboard pronto, e agora?”, o assunto é a arte finalização desse esboço. Aqui, apresento o passo a passo de como foi meu processo, passando do rascunho para um segundo esboço mais limpo, balões de fala, *lineart* e, enfim, as cores com luz e sombra. Com todas as páginas prontas, prossigo para a revisão, conferindo qualquer erro de ortografia ou que possa ter passado despercebido. Sigo para a criação da capa e título e, por fim, para a diagramação. Como base, abordo McCloud (1993) para fundamentar melhor cada etapa da criação de uma HQ.

No último capítulo, “Finalizando minha história”, compartilho meus anseios sobre exibir minha história para o mundo, vendendo-a no *Artist’s Valley* da edição de 2023 da *Comic Con Experience* (CCXP), e comento sobre relatos de leitores após as vendas. Espero que este trabalho auxilie outros quadrinistas (ou futuros quadrinistas) que desejam também compartilhar com o mundo suas próprias histórias.

2 DO LUTO AOS PRIMEIROS ESBOÇOS

Em setembro de 2022 meu avô, ou ditchan¹, faleceu. Foi a primeira vez que tive a perda de alguém tão próximo a mim, alguém que participava tanto do meu cotidiano e de quem eu sou hoje. Neste trabalho opto por chamá-lo de ditchan ao invés de “avô” tanto por ser a maneira como o chamava e me referia a ele dentro do meu espaço familiar, quanto como uma declaração consciente de minha identidade cultural nipo-brasileira, reconhecendo a importância de expressar essa identidade por meio da linguagem. Cada pessoa tem uma maneira muito singular de lidar com o luto, no meu caso consumir livros e narrativas sobre outras pessoas que passaram pelo mesmo me trouxe um acolhimento e o sentimento de que não estava sozinha. Motivada por essas obras, e por acreditar na importância de se falar sobre a morte, um tema tão evitado socialmente, decidi fazer uma história em quadrinhos (HQ) sobre a minha própria experiência com o luto.

Aprender a cozinhar pratos coreanos foi a maneira que Michelle Zauner encontrou de reencontrar o afeto de sua mãe depois de sua morte, refazendo os pratos que sua mãe preparava quando Michelle era criança. “Aos prantos no mercado” (2022) é sensível e verdadeiro ao lidar com a complexidade do luto e da morte, mas principalmente da vida e das relações, pois se houve morte, houve vida. Michelle aborda todo o contexto de sua complicada relação com a mãe, em como se sentia mal quando sua mãe criticava sua aparência ou sua escolha profissional, mas em como se sentia bem quando chorava em seu colo. Diferente da relação com seu pai, que era tão distante mesmo quando moravam na mesma casa.

Assim como era com Michelle, as demonstrações de afeto em minha casa sempre foram complexas, nunca tão óbvias como um “eu te amo” ou um abraço, na maioria das vezes ela se mostrava como um prato de comida na mesa ou uma espera no ponto de ônibus para eu não voltar para casa sozinha à noite. Lembro que quando tinha uns 10 anos, comparava o que recebia de afeto em casa ao que via em famílias de filmes ou séries, ou até o que via superficialmente na família de conhecidos, e ficava triste por não ter aquilo que era dito como amor idealizado nas narrativas que consumia. Mais tarde fui entender que existem muitas maneiras de

¹ “Ditchan” ou “Ojiichan” (おじいちゃん) é uma palavra japonesa que significa “avô” ou “vovô”. É uma forma carinhosa e respeitosa de se referir aos avôs em japonês. Muitas pessoas nipo-brasileiras costumam se referir aos avôs dessa forma.

demonstrar afeto, por meio de outras narrativas que entrei em contato e me ofereceram um melhor repertório, que permitiu que eu conseguisse perceber e demonstrar o amor de outras formas nas minhas próprias vivências.

Apesar de já ter lidado com lutos, como uma demissão ou ter assistidos filmes ou séries em que ocorre a morte de algum dos personagens, lidar com o luto por morte de uma maneira tão próxima foi muito diferente. Na minha família sempre se evitou discutir sobre a morte porque acreditava-se que falar da morte fazia com que ela chegasse mais cedo, uma superstição. Por esse tema, no contexto em que estou inserida, remeter muito a sofrimento e dor², sinto que buscar referências sobre como olhar e entender melhor a perda de pessoas queridas, e o que isso nos evoca sentimentalmente, foi muito mais difícil do que buscar entender mais sobre o amor, que também tem seus sofrimentos. Mais difícil por já ter um receio em pensar sobre a finitude da vida e acabar a atraindo, um medo de perceber que ela também vai chegar para mim e todos que eu amo, por ser um tema tão desconfortável de se conversar com amigos. Faço essa comparação entre procurar entender o luto por morte e o amor porque ambos são naturais e inevitáveis durante a vida, e, se hoje sofro pelo falecimento de uma pessoa, é porque algum dia eu a amei.

Enfrentar esse primeiro desconforto ao falar da morte pode ser benéfico tanto individualmente quanto coletivamente. Individualmente, pois evitar falar sobre o luto pode ocasionar o isolamento, tanto por não saber como abordar ele com outras pessoas, como também não ser bem acolhido por outras pessoas que não sabem como lidar com o luto de alguém que está sofrendo, o que pode gerar problemas pessoais e reforçar o desconhecimento sobre informações burocráticas de como lidar quando alguém próximo morre. Então, ter uma comunicação aberta sobre o luto é um facilitador para lidar com ele de maneira mais saudável e ressignifica-lo para o indivíduo. Coletivamente, por quanto mais se falar nesse assunto, menor se torna o estigma social relacionado à morte, o que pode encorajar pessoas a buscar apoio emocional quando necessário e a se preparar melhor para o fim da vida, através de conversas sobre cuidados paliativos ou planejamento de testamentos, como um codicilo, um documento que garante os desejos finais de uma pessoa, incluindo detalhes sobre seu velório, suas vestimentas e joias, entre outros. Um codicilo pode servir, por exemplo, como uma ferramenta legal para pessoas trans se assegurarem

² Importante salientar que escrevo a partir das minhas vivências, em um contexto que não representa todas as formas de se enxergar e de se lidar com o luto e a morte.

que serão preparadas e tratadas de acordo com sua identidade e expressão de gênero e não deixar esse poder nas mãos da família que nem sempre as respeitarão, proporcionando assim respeito e dignidade mesmo após a morte.

Assim, a produção de um quadrinho que aborda minha experiência com o luto se faz valioso para que esse tema seja discutido, além de, como artista, usar da expressão artística para o meu próprio processo de cura. Com esse trabalho espero também auxiliar aqueles que pretendem criar um quadrinho independente e autoral ao compartilhar todo o processo de criação, do rascunho até a impressão final.

2.1 Por que quadrinho, dentre tantas mídias?

Antes de falar sobre o porquê da escolha da mídia, acho válido abordar o que é uma história em quadrinhos (HQ). Assim como para definir o que é arte, há uma grande discussão teórica para estabelecer quais qualidades uma obra precisa ter para ser considerada um quadrinho. McCloud (1993) define a HQ como “ilustrações sobrepostas e outras imagens em sequência deliberada, com o propósito de transmitir informações e obter uma resposta do leitor”. Mas García (2012) o contrapõe alegando a carência de valores mais significativos, já que essas qualificações poderiam facilmente se aplicar às outras linguagens de arte sequencial, como a fotonovela por exemplo, e ignora um dos aspectos mais evidentes que é a relação entre a palavra e a imagem. Outra definição é a de David Kunzle (1973), que lista quatro requisitos para definir uma HQ:

1) Deve haver uma sequência de imagens separadas; 2) Deve haver uma preponderância da imagem sobre o texto; 3) O meio em que a história em quadrinhos aparece e para o qual está originalmente destinada tem que ser reprodutivo, ou seja, em forma impressa, um meio de comunicação de massas; 4) A sequência deve contar uma história que seja tanto moral quanto tópica. (KUNZLE, 1973)

Para García (p. 43, 2012), “é essa terceira condição de Kunzle que parece particularmente interessante, já que todas as definições formalistas acabam sendo restritivas”. Dessa forma, reconhecemos o quadrinho por seu uso social comum, um objeto impresso, como um livro, folheto ou revista, porém reproduzido para o consumo massivo. Essa condição também se relaciona diretamente com o início dos quadrinhos como conhecemos hoje, lá no século XIX. Ao concluir, García (2012)

constata que, assim como para Dino Formaggio “a arte é tudo aquilo que os homens chamam de arte”, “os quadrinhos são aquilo a que os homens chamam de quadrinhos”.

Figura 1 - Tirinha "Por que quadrinhos?"



Fonte: Autoria própria (2024)

Pode-se dizer que a própria história foi tomando sua forma durante seu processo. Enquanto ainda estava perdida sobre o que faria com a ideia de querer produzir uma história, deparei-me com um par de tênis que havia presenteado meu ditchan em seu aniversário. Esse tênis era um substituto para seu antigo calçado que já estava desgastado pelo tempo, mas o novo fora calçado só em seu aniversário, em julho, e para ir ao hospital, em agosto, pouco antes de falecer. Em um momento de luto recente, ver esse par de tênis, dessa vez sem uso, foi o início para eu perceber que aquilo não era a única coisa que havia sido deixada por ele. Revisitando fotos antigas, decidi que queria transformar todo esse sentimento, reflexão e sensações que surgiam do luto em um projeto maior, mas ainda não sabia direito como, então o primeiro passo foi pegar um lápis e papel para explorar as possibilidades.

O papel em branco era aterrorizante, principalmente por nunca ter feito um projeto que envolvesse arte sequencial, estava acostumada apenas com ilustrações únicas e independentes. Enfrentando esse primeiro medo, comecei sem muita pretensão, deixando esboços e palavras fluírem. Como artista, acredito que a documentação do processo artístico, esboços e anotações, são cruciais para uma pesquisa artística. Segundo Teresa Eça (2013, p.77), “existem fenômenos que têm mesmo que ser estudados recorrendo a imagens, caso contrário não os poderemos

abarcam totalmente. E parece-me que o ensino das artes visuais, por exemplo, é um desses fenômenos.” Desta forma, também compartilharei registros imagéticos neste trabalho a fim de complementá-lo.

Figura 2 - Foto e Ilustração Ditchan



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 3 - Diário Ilustrado



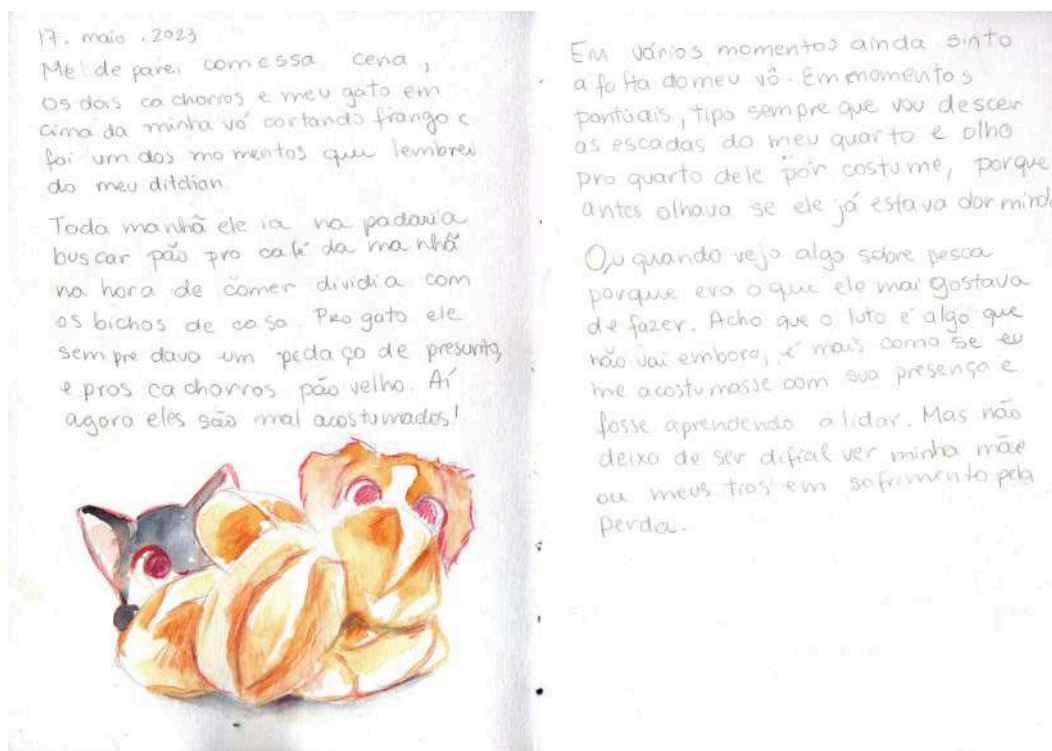
Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 4 - Diário Ilustrado



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 5 - Diário Ilustrado



Fonte: Autoria própria (2023)

Como um diário, coloquei a data e escrevi tudo que recordava naquele momento referente ao luto. As ilustrações foram feitas em lápis de cor, caneta nanquim e aquarela. Algumas delas surgiram a partir do que se desenrolava durante a escrita, outras originaram de imagens que motivaram a escrita. Esse primeiro exercício foi crucial para entender melhor minhas ideias, principalmente por não ter sido limitado a algum formato em específico como a de uma HQ ou um livro infantil, por exemplo. Durante esse processo recorri muito às fotografias de família também, consideradas importantes como é observado por Rejane Coutinho:

As fotografias pessoais são guardadas como alimento e testemunho para nossa memória e, portanto, são fontes potenciais do processo de reconstrução. Quando resolvemos abrir nossos álbuns ou nossas caixas de recordações e nos deparamos com as imagens fotográficas do passado, nossa memória é impulsionada por um registro vivo que pode fazer detonar todo um manancial de experiências significativas. Por que guardamos com tanto carinho e zelo àquela determinada fotografia? (COUTINHO, 2004, p.152)

A partir desse esboço, dei início ao roteiro da história. Mesmo ainda não tendo certeza de qual seria seu formato final, já planejava que seria uma narrativa

com começo, meio e fim e que teriam três capítulos sendo os temas centrais de cada um: 1) Morte, sobre aceitar que tudo tem um fim, sem tentar ignorar os sentimentos que vêm com isso; 2) Vida, em que revisito lembranças com meu ditchan e como sinto que ele continua presente em mim até hoje; e, finalizando, 3) Amor, capítulo guiado pela pergunta “O que fazer para no final da vida pensar que valeu a pena ter vivido?” e entender que aceitar que tudo tem um fim também é um convite para valorizarmos o que temos agora no presente.

Enquanto fazia o roteiro, era claro que essa obra tinha uma data para ser finalizada, pois pretendia lançá-la no final de novembro na *Comic Con Experience* (CCXP). Nesse evento, há um espaço reservado para artistas e quadrinistas independentes venderem seus produtos, chamado de *Artist's Valley*, uma grande vitrine para artistas de todos os tamanhos por ser um evento com público de todo o Brasil. Na edição de 2023, a CCXP reuniu 287 mil pessoas ao longo dos cinco dias de evento³. E era ali onde planejava lançar minha história! O evento ocorreu do dia 30 de novembro até 3 de dezembro de 2023. Para ter a obra impressa nessa data, foi preciso criar um cronograma listando todas as etapas do processo e as datas que precisaria finalizar cada uma delas. O cronograma criado foi este abaixo; ocorreram atrasos durante o caminho, mas, apesar disso, permaneceu necessário para se ter uma ideia de todos os passos que precisavam ser feitos.

Quadro 1 - Cronograma

Atividade	Data
Roteiro	24 a 26 de julho
Rascunho do <i>Storyboard</i>	7 a 13 de agosto
<i>Storyboard</i> Introdução e Cap. 1	14 a 27 de agosto
<i>Storyboard</i> Cap. 2	28 de agosto a 8 de setembro
<i>Storyboard</i> Cap. 3 e finalização	15 de setembro
Arte final	15 de outubro
Revisão	20 de outubro
Diagramação	21 de outubro

³ Disponível em:

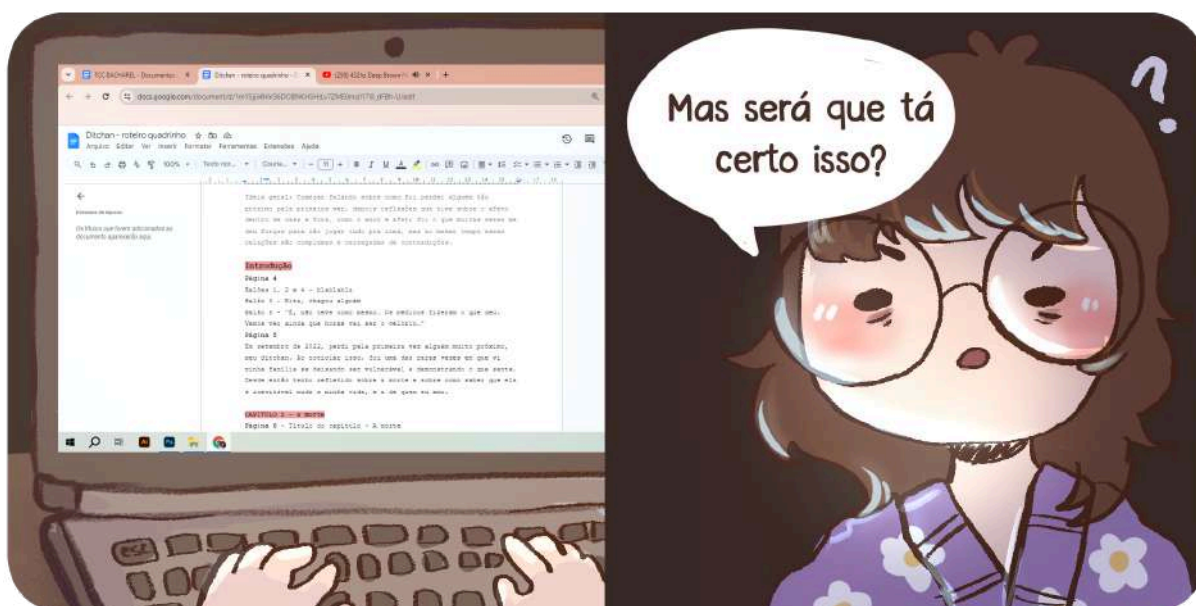
<https://www.omelete.com.br/ccxp/ccxp-bate-recorde-de-publico-em-edicao-de-10-anos#:~:text=CCXP23%20reuniu%20287%20mil%20pessoas&text=06.12.2023%2C%20%C3%A0s%2015H15..edi%C3%A7%C3%A3o%20hist%C3%B3rica%20de%20dez%20anos>. Acesso em: 3 mai. 2024.

Atividade	Data
Roteiro	24 a 26 de julho
Criação dos brindes	01 de novembro
Enviar para gráfica	até 01 de novembro

Fonte: Autoria própria.

Com o cronograma feito, eu sabia quanto tempo tinha para produzir o roteiro e já avançar para as próximas etapas. Ao mesmo tempo, estava sempre reorganizando as ideias enquanto produzia a escrita para que a narrativa não se perdesse e se mantivesse linear.

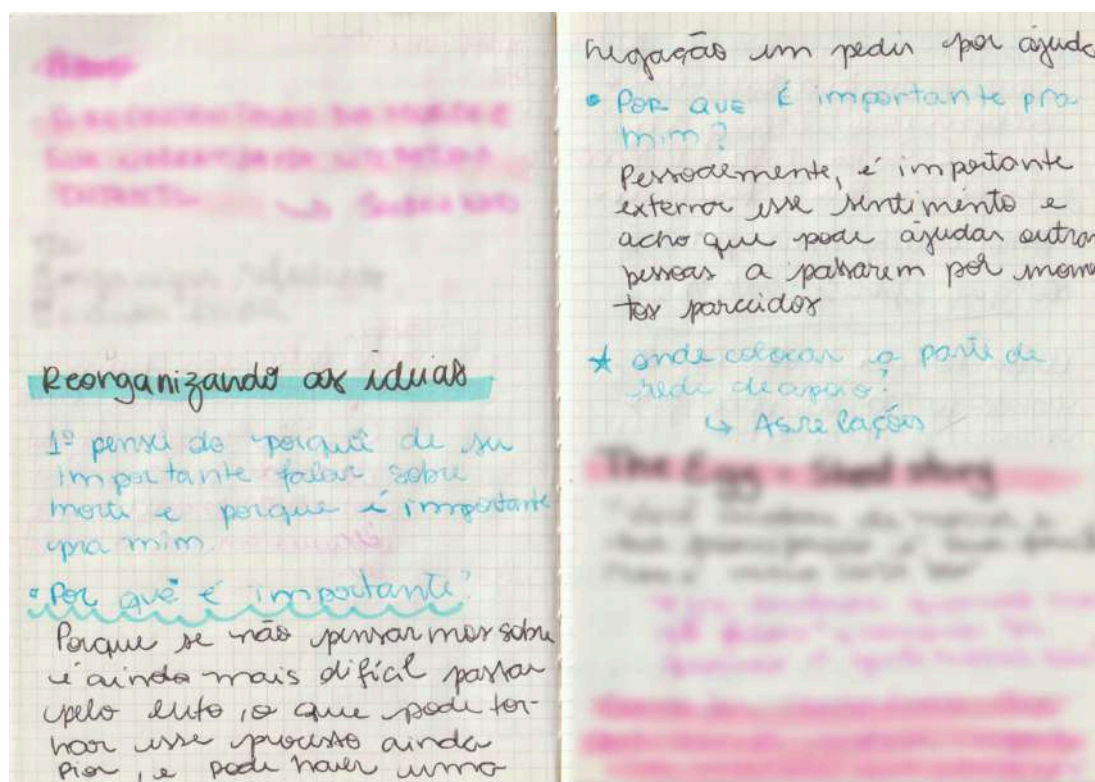
Figura 6 - Tirinha "Roteiro"



Fonte: Autoria própria (2024)

Estar sempre relembrando o porquê da importância de compartilhar essa história (e por que é importante para mim tanto como pessoa quanto como artista) guiou essa jornada que já costuma ser trabalhosa, e mais ainda quando falamos de um tema difícil como o luto, o que tornou impossível não precisar tirar pausas para se recuperar de um choro que surgiu durante a escrita. Quanto ao processo criativo, é muito individual para cada artista, mas eu gosto de sempre carregar um caderninho comigo para quando tivesse alguma ideia, já anotasse. Também mesclo bastante entre o uso de caderno físico e a escrita em mídias digitais.

Figura 7 - Anotações sobre luto



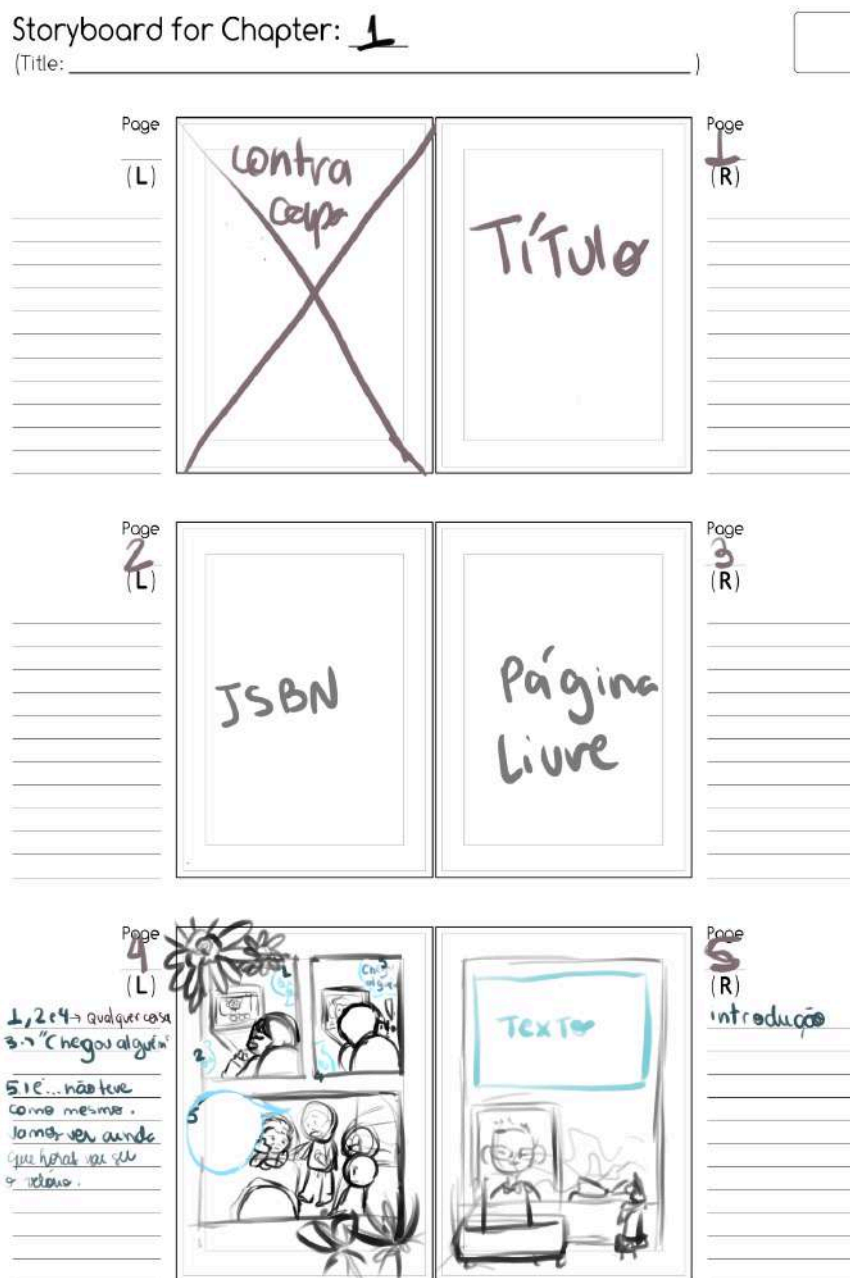
Fonte: Autoria própria (2023)

Definindo tudo o que queria no primeiro capítulo, decidi já pensar em como seria o *storyboard*. O *storyboard* é uma técnica de pré-visualização utilizada em cinema, animação, jogos, mas também na criação de HQ's. Em "Desvendando os Quadrinhos" (1993), Scott McCloud discute vários aspectos sobre os quadrinhos, desde suas origens até suas etapas de criação. Neste livro, o autor descreve o *storyboard* como uma ferramenta crucial em sua pré-produção, permitindo aos artistas planejarem a sequência de eventos, o *layout* das páginas e a composição visual antes de começarem a desenhar as páginas finais. É como um esboço das páginas.

Para começar a planejar minhas páginas, procurei por alguns modelos de *storyboard* prontos voltados para quadrinhos, que se diferem daqueles feitos para o audiovisual por seu formato final. Escolhi um modelo que me parecia servir bem, pois cumpria com os requisitos que precisava: página em branco, sem quadros pré-estabelecidos, com marcação de sangria, espaço para legenda e a organização das páginas que permite artes de página dupla. Este modelo escolhido foi criado por

Marcianek é encontrado na plataforma *Deviantart* gratuitamente⁴. E assim, comecei a esboçar tudo aquilo que escrevi no roteiro.

Figura 8 - Storyboard 1



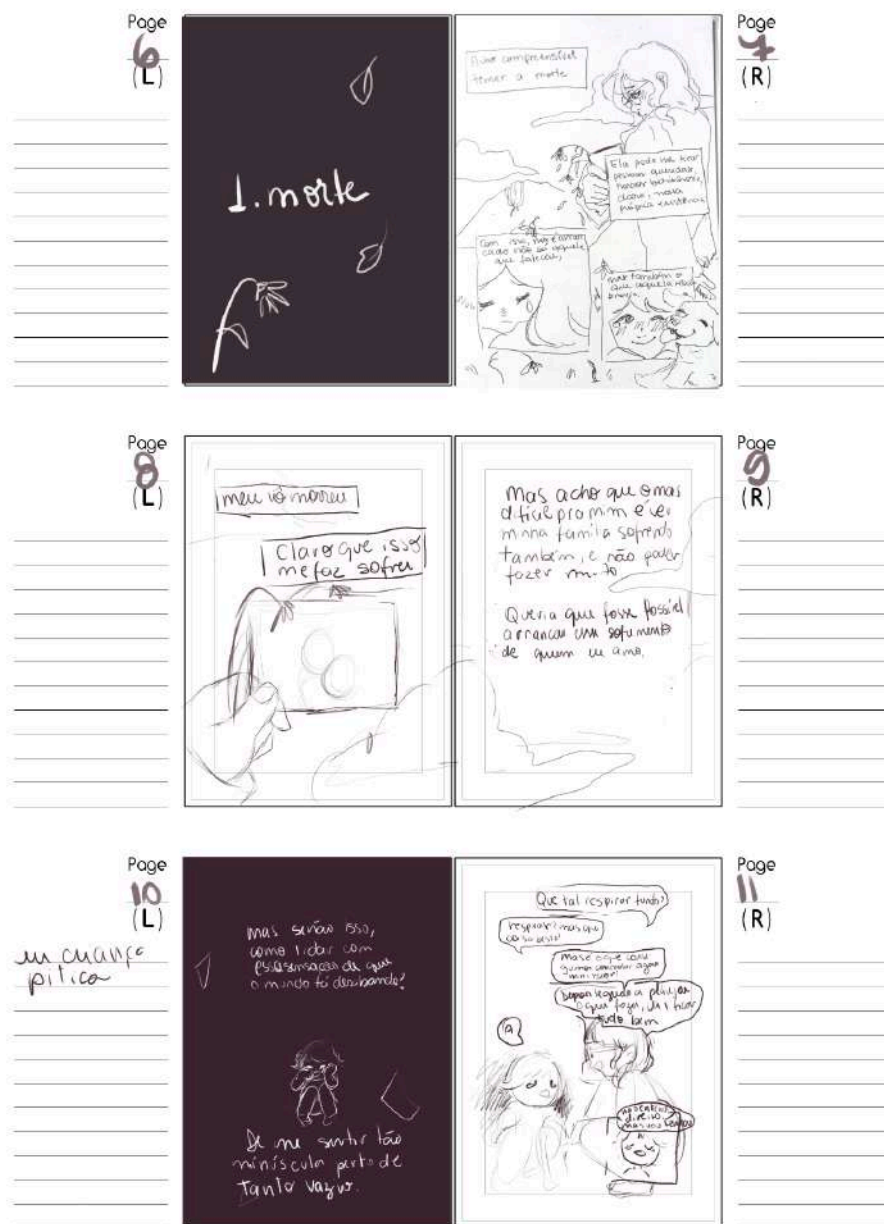
Fonte: Autoria própria (2023)

⁴ Disponível em: <https://www.deviantart.com/marcianek/art/Comic-Storyboard-Template-784889487>. Acesso em: 18 jun. 2024.

Figura 9 - Storyboard 2

Storyboard for Chapter: 2

(Title: _____)



Fonte: Autoria própria (2023)

Ao traduzir o roteiro escrito para as páginas, o próprio rascunho tomou a forma de um quadrinho, com balões de fala e texto mesclado às imagens. Todo esse rascunho foi feito por arte digital pelo programa *Clip Studio Paint*. Depois de testar o primeiro rascunho em um caderno, a escolha da plataforma digital se deu pela

facilidade em testar cores diferentes, na fácil edição do conjunto e na composição das páginas. No digital, é muito mais prático trocar a ordem de uma página, ou refazer algum elemento visual. Na figura 10, apresento dois rascunhos feitos de uma mesma página, com composições diferentes.

Figura 10 - Rascunhos



Fonte: Autoria própria (2023)

Ao longo de toda a minha graduação, a ilustração digital sempre foi um tema conflituoso. Apesar de termos Mídia I na grade, matéria na qual entramos em contato com o *Adobe Photoshop* e outras ferramentas que possibilitam a arte digital, em várias outras aulas a arte digital não tinha tanta validação artística quanto uma pintura ou um desenho tradicional, apenas por causa de seu suporte.

Diferente das formas mais clássicas e consolidadas das artes visuais, como a pintura, desenho ou escultura tradicionais, a ilustração digital e as histórias em quadrinhos são criadas com o propósito de serem veiculadas e reproduzidas. Muitas das críticas que as HQ's recebem no meio artístico acadêmico têm origem nas críticas à indústria cultural, teoria desenvolvida por pensadores da Escola de Frankfurt, como Theodor Adorno e Max Horkheimer, na década de 1940. Ela descreve um fenômeno no qual a cultura se torna uma mercadoria produzida em massa pela indústria, em vez de ser uma expressão autêntica da criatividade

humana e, por isso, toda produção relacionada à cultura de massas teria um teor negativo por ser alienante.

Segundo essa teoria, a cultura de massa promove a conformidade e a alienação, pois os produtos culturais são projetados para satisfazer as necessidades do mercado, em vez de promover a expressão individual ou de desafiar as normas sociais. Nela, a cultura se torna apenas um divertimento, uma tentativa de escape à rotina de trabalho, assim, “a diversão é o prolongamento do trabalho sob o capitalismo tardio” (ADORNO, 2002, p.19) já que nesse tempo de descanso o proletário continua consumindo passivamente a cultura de massas, produzido e financiado por poucos dominantes para um grande público absorver os ideais burgueses através do entretenimento como filmes, rádios e, nesse caso, HQ's.

Porém, como uma resposta à indústria cultural como forma de alienação, Umberto Eco (2006) contesta o entendimento de todas essas mídias de maneira tão uniforme e superficial, e como, apesar de ser benéfico desconfiar da cultura de massa, é necessário ter atenção para não se considerar “cultura de valor” apenas aquilo que não se chega à população toda.

Certamente não será descabido buscarmos na base de cada ato de intolerância para com a cultura de massa uma raiz aristocrática, um desprezo que só aparentemente se dirige à cultura de massa, mas que, na verdade, aponta contra as massas; e só aparentemente distingue entre massa como grupo gregário e comunidade de indivíduos auto-responsáveis, subtraídos à massificação e à absorção em rebanho; porque, no fundo, há sempre a nostalgia de uma época em que os valores da cultura eram um apanágio de classe e não estavam postos, indiscriminadamente, à disposição de todos. (ECO, 2006, p.36)

Assim, na cultura de massa, a difusão de bens culturais (mesmo os mais críticos e validados), quando alcançam muitas pessoas, faz com que várias delas recebam a mensagem em níveis de aprofundamento diferentes, justamente pela individualidade e repertório de cada um. Isso não é um fenômeno ocasionado pela indústria cultural, pois o mesmo já acontecia em um momento anterior, antes da invenção do rádio ou da televisão, porém na cultura de massa essa alta difusão é com certeza mais frequente. Ou seja, sua difusão não influencia diretamente em seu valor, e isso é perceptível quando as próprias críticas à cultura de massa são veiculadas através de livros de grande tiragem, tornando-se assim produtos dessa mesma cultura (ECO, 2006, p.47).

Há sim muitas produções vazias e feitas com o único intuito de lucro, mas é importante perceber que reduzir todas as mídias como um engobe dos ideais burgueses alienantes é se recusar a reconhecer o potencial de se alcançar muitas pessoas através de um bem cultural. Autores, diretores, artistas independentes a todo momento usam de sua produção para tecer críticas e trazer questionamentos contra hegemônicos através de suas obras, e poder alcançar um público maior é um caminho para que essas ideias se propaguem também.

2.2 Processos dentro do *storyboard*

Como contar essa história? Para a criação da narrativa, duas obras feitas em quadrinhos foram essenciais para entender qual modo e linguagem queria utilizar. São elas: “Criança Amarela” (2023)⁵, de Eric Han Schneider, também conhecido como Monge Han, e “Minha experiência lésbica com a solidão” (2019), de Kabi Nagata.

De forma muito artística, Monge Han compartilha parte de sua história, trazendo reflexões sobre como é crescer sendo brasileiro com ascendência leste-asiática. Neto de refugiados de guerra, dois coreanos de um lado da família e um alemão e francesa de outro, nasce aqui no Brasil e, desde criança percebe que seu tratamento é diferente, sendo sempre chamado de “japa” ou abordado com falas preconceituosas como “Ele come cachorro!” ou “Volta pra sua terra”. Após a consciência racial de que não era branco, e sim amarelo, percebe como sua identidade foi influenciada pela projeção de raça, e como esses estereótipos preconceituosos não são direcionados a ele como indivíduo, mas a ele como parte desse grupo racial.

A coisa mais terrível e destruidora que tudo aquilo gerou em mim foi uma grande repulsa às minhas origens. Uma vontade enorme de, ainda jovem, me afastar de tudo que era asiático, “japa” ou coreano. Um afastamento das possíveis conversas que poderia ter com meus avós sobre suas vidas antes de migrarem pro Brasil, um afastamento da cultura coreana mesmo quando estava tão presente na minha própria casa e uma repulsa pelo único idioma em que meus avós eram fluentes (até onde eu saiba). Tudo isso numa tentativa torta inconsciente de sobrevivência social, de ser aceito em ambientes e por pessoas que nunca me enxergariam como igual. (HAN, 2023, p. 16-17)

⁵ “Criança Amarela” é uma história em quadrinhos pertencente à coletânea “Vozes Amarelas” (2023).

Por também ser brasileira com ascendência leste-asiática, “Criança Amarela” foi um quadrinho que me gerou muita conexão por me identificar com vários elementos ali narrados, mas o que me fez voltar a essa leitura quando estava no processo do meu quadrinho foi a sensação passada através dela. A sensação de que aquilo era uma conversa, como se o autor estivesse desabafando comigo tudo o que sentiu enquanto se descobria como uma pessoa racializada. É uma leitura aconchegante e íntima, sem perder a seriedade e peso do assunto que é tratado. E isso era algo que queria transmitir quando estivesse comentando sobre meu luto.

“Minha experiência lésbica com a solidão” (2019) é também um quadrinho autobiográfico. Kabi Nagata é uma autora japonesa e conta sobre sua vivência desde o momento em que concluiu o ensino médio até os seus 28 anos, quando contrata uma prostituta lésbica sem nunca ter tido qualquer relacionamento amoroso ou experiência sexual. Lidando com ansiedade e depressão, a história se aprofunda em suas crises e em como seu estado mental já estava afetando sua saúde física, desenvolvendo transtorno alimentar e episódios de automutilação. Toda essa temática é abordada o tempo inteiro com muita honestidade, sem romantizar sua situação, o que, mais uma vez, me traz a sensação de que aquilo é uma conversa com o leitor. Talvez uma mensagem, dizendo que se você também passa ou já passou por crises ocasionadas pela sua saúde mental (um assunto que é um tabu), você não está sozinho.

Figura 11 - Minha experiência lésbica com a solidão



Fonte: Kabi Nagata (2019)

Em uma de suas crises, Nagata começa um tratamento com remédios, que já a ajuda, e investiga de onde surgia todo seu sofrimento, para assim poder lidar melhor com ele. Pensando sobre sua sexualidade, principalmente sobre sua aversão ao tema, ela percebe que uma das raízes de seu sofrer originava de sua intensa necessidade de aprovação de seus pais ou terceiros, negligenciando a si mesma em até atividades mais básicas como sua própria alimentação. Depois de compreender isso, decide encarar de vez sua sexualidade e, em decorrência a isso, ter consciência do que ela estava fazendo ou deixava de fazer por si mesma. Ela deixa claro que sua vida não melhora do dia para a noite, sua vida continua tendo problemas, mas dessa vez, “a alternativa ‘morte’ deixou de ser uma constante para dar prioridade a outras” (p. 124).

Ambas as narrativas tratam de assuntos difíceis e sérios, um o preconceito contra pessoas amarelas, e o outro a sexualidade e saúde mental, mas ambas as ilustrações e leitura são feitas de uma maneira convidativa, que nos ajuda a encarar a dificuldade em lidar com esses assuntos de maneira mais natural. É um convite também para que o leitor que se identifica com aquelas vivências relatadas converse sobre isso com outras pessoas, já que o autor já fez isso antes.

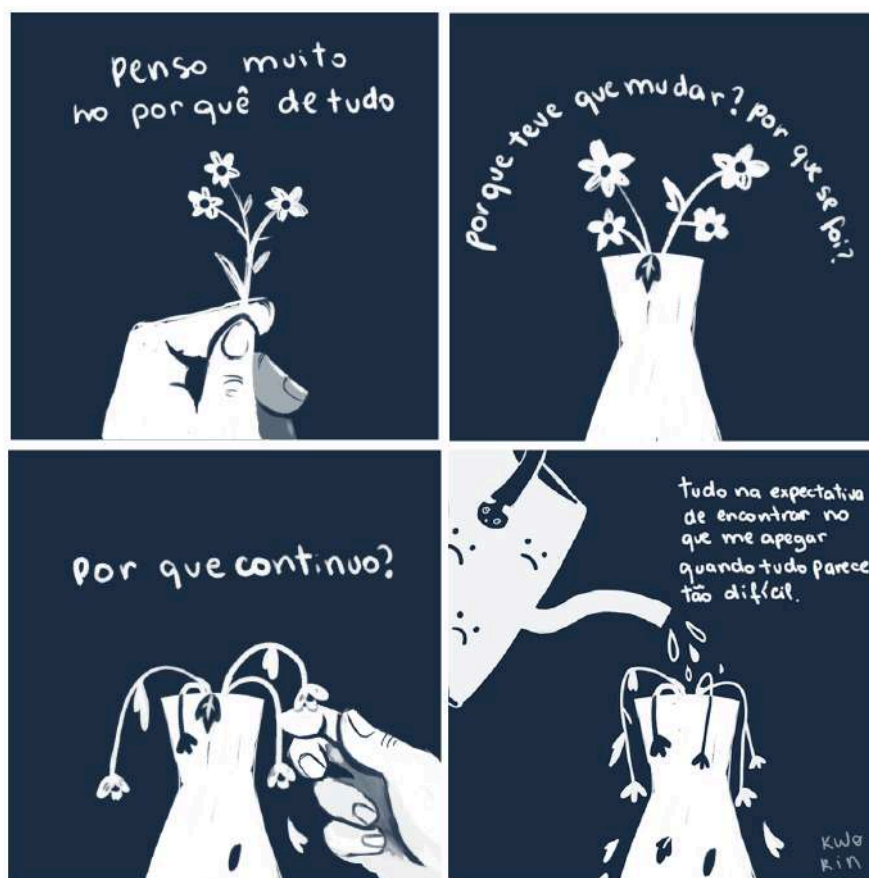
Como um pequeno treino de narrativa, criei tirinhas para entender como faria isso em uma menor escala. As figuras 12 e 13 são duas dessas experimentações.

Figura 12 - Tirinha "Sentimentos ruins"



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 13 - Tirinha "Por que continuo?"



Fonte: Autoria própria (2023)

Inicialmente, não sabia quantas páginas a história teria. Ao finalizar o esboço do primeiro capítulo, que resultou em dez páginas, pensei em planejar a mesma quantidade para cada capítulo, somando-se assim cerca de 30 páginas de história e um pouco mais de 40 páginas no total, já que precisava considerar outros conteúdos além da história, como a parte de apresentação com informações de registro ou algum conteúdo extra que gostaria de colocar.

O processo de cada página era, basicamente, selecionar aquilo que havia escrito no roteiro e abrir uma tela em branco no programa escolhido, com margens de segurança para que, na impressão, nenhuma informação importante fosse perdida. Outra marcação importante é a linha que indica o meio da folha, já que fiz duas páginas por vez. Essa escolha foi tomada, pois possibilita a criação de páginas duplas, com uma mesma ilustração ocupando ambos os lados, ou que elementos de uma página se relacionassem com a página seguinte, já que o leitor verá ambas ao mesmo tempo.

Esse rascunho para o *storyboard* é bem rabiscado, mas serve como base para a organização de todo o quadrinho. No meu processo, enquanto rascunhava, eu decidia o texto que iria acompanhar as ilustrações e já escrevia com minha própria letra, sem me preocupar tanto em encaixar esse texto perfeitamente, pois na próxima fase de finalização eu poderia editar os elementos imagéticos e textuais da melhor forma. Por enquanto, a preocupação estava na composição e na narrativa que queria transmitir, e principalmente na ordem em que a história seria apresentada.

Figura 14 - Marcação Storyboard



Fonte: Autoria própria (2023)

Durante essa fase, recorri muito aos quadrinhos para estudar a composição e entender as possibilidades que eu poderia construir. Aqui citarei dois dos quais estava sempre folheando nesse processo para me ajudar a compreender melhor o que fazia eu gostar tanto daquelas composições, para que assim eu conseguisse criar as minhas próprias de um jeito que me agradasse. São eles: “A garota do mar” (2022), de Molly Knox Ostertag, e “Heartstopper” (2022), de Alice Oseman.

“A garota do mar” é uma HQ que explora a composição sem se limitar aos quadros. Nela, a autora experimenta composições diferentes com as formas dos quadros e com os fundos. Assim, as páginas são esteticamente muito agradáveis de se olhar e, conseqüentemente, de ler e estar imerso na leitura. Ser uma história toda em colorido também adiciona mais um elemento narrativo, as cores, já que:

Sobre o indivíduo que recebe a comunicação visual, a cor exerce uma ação tríplice: a de impressionar, a de expressar e a de construir. A cor é vista: impressiona a retina. E sentida: provoca uma emoção. E é construtiva, pois, tendo um significado próprio, tem valor de símbolo e capacidade, portanto, de construir uma linguagem própria que comunique uma ideia. (FARINA, PEREZ, & BASTOS, 2006, p.13)

Na figura 15, por exemplo, a jaqueta em laranja tem muito destaque sobre o fundo em azul, por serem cores complementares segundo a teoria das cores, logo nosso olhar é direcionado para a personagem principal. Além disso, a cor azul predominante, os vários elementos na página esquerda, e o clima chuvoso exposto na página direita, são ferramentas narrativas que corroboram com a ideia de confusão e melancolia sentida pela personagem.

Figura 15 - A garota do mar



Fonte: Molly Knox Ostertag (2022)

Um elemento de composição que vi em “A garota do mar” e decidi implementar em “Ditchan, você se foi, mas eu continuo aqui” foi a de criar uma composição em que o fundo da página se conectasse com os quadros. Na figura 16 há, no lado esquerdo, a página 78 do quadrinho usado como referência e, no lado direito, a página 20 de “Ditchan”⁶. No primeiro, o cenário da casa na ilha não se limita a um quadro, ele toma toda a parte superior da página, com o mar invadindo o fundo dos quadros seguintes. Na página de minha criação, há uma ilustração que toma todo o fundo e que faz parte da narrativa, mas que fica em segundo plano onde os quadros aparecem.

Figura 16 - A garota do mar e Ditchan



Fonte: Compilação do autor (2024)⁷

Já “Heartstopper” (2022) tem sua origem online na plataforma *Tapas*, um site e aplicativo sul-coreano criado em 2012. Ali, muitos quadrinistas postam suas

⁶ Uma forma mais breve de me referir ao quadrinho “Ditchan, você se foi, mas eu continuo aqui”.

⁷ Colagem feita a partir da página 76 de “A garota do mar”, de Molly Knox Ostertag e, na direita, uma página de autoria própria.

histórias, chamadas de *webcomics*, já que são criadas diretamente para as plataformas online, diferente de uma HQ que tem o objetivo de ser impressa e veiculada fisicamente. Muitos artistas iniciantes começam publicando suas histórias nessa plataforma por ser gratuito tanto para o autor quanto para o leitor, o que torna uma vantagem quando pensamos em todo o valor financeiro atrelado ao se publicar uma HQ física: pensar em seu estoque, veiculação e vendas. Também, na plataforma, é possível divulgar seu trabalho com pouquíssimo custo e, assim, alcançar mais pessoas. É comum que os autores publiquem a história semanalmente ou mensalmente por capítulos ou pequenos trechos dela.

Este contexto é importante para entender algumas escolhas estéticas do quadrinho. “Heartstopper” tem sua história representada por uma paleta monocromática, o que, apesar de se perder um elemento narrativo que são as cores, é um campo que deixa em aberto ao leitor de imaginá-las. Muitas *webcomics* são monocromáticas justamente para tornar o processo de arte finalização mais rápido, já que é um fator a menos para inserir na obra e, assim, facilitar a publicação constante.

Figura 17 - Heartstopper



Fonte: Alice Oseman (2022)

Figura 18 - Ditchan



Fonte: Autoria própria (2023)

Durante o volume 4 da obra de Oseman, a narrativa passa a ser do ponto de vista de um dos personagens principais, como se ele estivesse escrevendo um diário, enquanto as ilustrações aparecem quase que em um segundo plano, como na figura 17. O texto corrido passa a ser o elemento central da composição, pois imagina-se que o leitor irá lê-lo primeiro e depois observar as ilustrações que o acompanham. Dessa mesma maneira, em “Ditchan”, trabalho com uma composição muito parecida no capítulo 2 do quadrinho (Figura 18), em que compartilho mais sobre minha convivência com meu ditchan, trazendo em texto corrido os elementos narrativos principais e, de forma complementar, as ilustrações e falas.

Além das questões técnicas, como ferramentas narrativas ou composição das páginas, o processo de *storyboard* foi a etapa mais importante e sofrida de todo o quadrinho. Lidar com o luto enquanto planejava página por página, tornava necessário constantemente tirar uma pausa durante as sessões de *storyboard*, pois

estava trabalhando em cima de um tema que ainda me trazia sofrimento, e respeitar esse tempo foi importante não só para mim como também para a fluidez do trabalho.

Principalmente nessa fase de planejamento, foi necessário vasculhar muitos sentimentos íntimos, voltar a fotografias para lembrar histórias e vivências, que passaram por uma curadoria interna para compreender se aquilo tinha sentido para a história que queria contar ou não. Entre choros e muitos rabiscos, as 37 páginas foram feitas em rascunho. O processo era primeiro fazer o rascunho de uma dupla de páginas, como na figura 18, para depois ele ser passado para o *storyboard*, que facilitava visualizar mais páginas juntas (no modelo que escolhi é possível ver até seis páginas ao mesmo tempo, como nas figuras 8 e 9).

Figura 19 - Depressão pós storyboard



Fonte: Autoria própria (2023)

3 STORYBOARD PRONTO, E AGORA?

Após concluir o *storyboard*, é hora de trabalhar na arte final de cada página. Nessa etapa, todas as páginas seguirão um mesmo caminho: 1) Criar um arquivo dedicado para cada dupla de páginas; 2) Acrescentar os balões de texto; 3) Delimitar os quadros; 4) Fazer a *lineart*; e 5) Colorir as páginas.

Porém, antes de prosseguir, era necessário definir elementos que estariam presentes em todo o trabalho como a paleta de cores, a fonte utilizada e o estilo de arte final, e para isso, fiz testes na primeira página. Nesses testes pude experimentar diferentes paletas de cores, estilos de pintura e de finalização. Comparando-os consegui chegar no resultado que melhor se adequou e assim, repeti-lo nas outras páginas. Na figura 20 há um comparativo, da esquerda para a direita, de rascunho, teste de cor 1, teste de cor 2 e a página finalizada.

Figura 20 - Testes de cor



Fonte: Autoria própria (2023)

Como cada capítulo traz um sentimento diferente, achei que trabalhar com cores predominantes diferentes para cada capítulo seria uma boa ferramenta de auxílio para o leitor diferenciar cada um. As cores predominantes dos capítulos aparecem principalmente na página de título, no céu. No primeiro capítulo, “A morte”, o céu está em azul escuro, um céu ao anoitecer. É um momento da história em que o foco está na compreensão da morte, assimilação do luto e, ao mesmo tempo, na confusão e sofrimento que isso tudo traz. A cor densa, assim como a narrativa ali retratada, reitera o sentimento que está sendo compartilhado.

O segundo capítulo é “A vida”. Nele, o céu azul claro do céu toma toda a página, como em um dia de sol. Enquanto antes compartilhava sobre o que eu sentia em relação a morte, nesta seção comento sobre como era viver com meu dithan, como foi construir uma relação com ele, e como lidar com essas lembranças traz tranquilidade e segurança, diferente do caos ao lidar com a morte. Porém, reconhecendo que essas duas situações são parte do luto, em que uma não existe sem a outra. As lembranças que se tem de alguém que já se foi na nossa vida, comparada às lembranças com pessoas que ainda compartilham vivências conosco, são únicas.

O terceiro capítulo, “O amor”, é dedicado a pensar sobre as relações que me cercam e como meu entendimento sobre o amor mudou desde a infância até o momento em que decidi criar o quadrinho. Aqui, o céu rosado com roxo ocupa as páginas até finalizar a história, assemelhando-se a um céu em fim de tarde, como uma conversa junto a um bolo e um chá. Reitero aqui que, ao utilizar o termo “amor”, não me refiro ao amor romântico, e sim um movimento, uma escolha. Em “Tudo sobre o amor”, de bell hooks⁸, o amor nos é apresentado como uma “força capaz de transformar todas as esferas da vida: a política, a religião, o local de trabalho, o ambiente doméstico e as relações íntimas” (2020, p.9). Assim, no quadrinho quis transmitir essa versão de amor, como uma ação e não um sentimento. Tanto o amor-próprio como o voltado aos seres vivos à minha volta. “O amor é o que o amor faz. Amar é um ato da vontade — isto é, tanto uma intenção quanto uma ação. A vontade também implica escolha. Nós não temos que amar. Escolhemos amar”. (2020, p. 34 apud PECK, 1978).

As cores do céu são o diferencial de cada capítulo, e servem também para uni-los, relacionando-os com os temas de cada um, tendo em vista que todos fazem parte de um ciclo, da mesma maneira que o céu durante o dia; não há dia sem noite assim como não há morte sem a vida, e o amor se torna presente também.

A partir da definição desses elementos visuais centrais, pude começar a trabalhar em cima dos rascunhos já criados, em que, depois de criar um arquivo destinado somente para aquela dupla de páginas, fazia um rascunho mais limpo para que pudesse me guiar melhor na hora de finalizar.

⁸ O nome da autora é escrito em letras minúsculas por representar seu “posicionamento político da recusa egóica intelectual” (CARUSO, 2021). hooks queria que suas obras, suas palavras, viessem antes que a pessoa que as escreveu.

Figura 21 - Rascunho



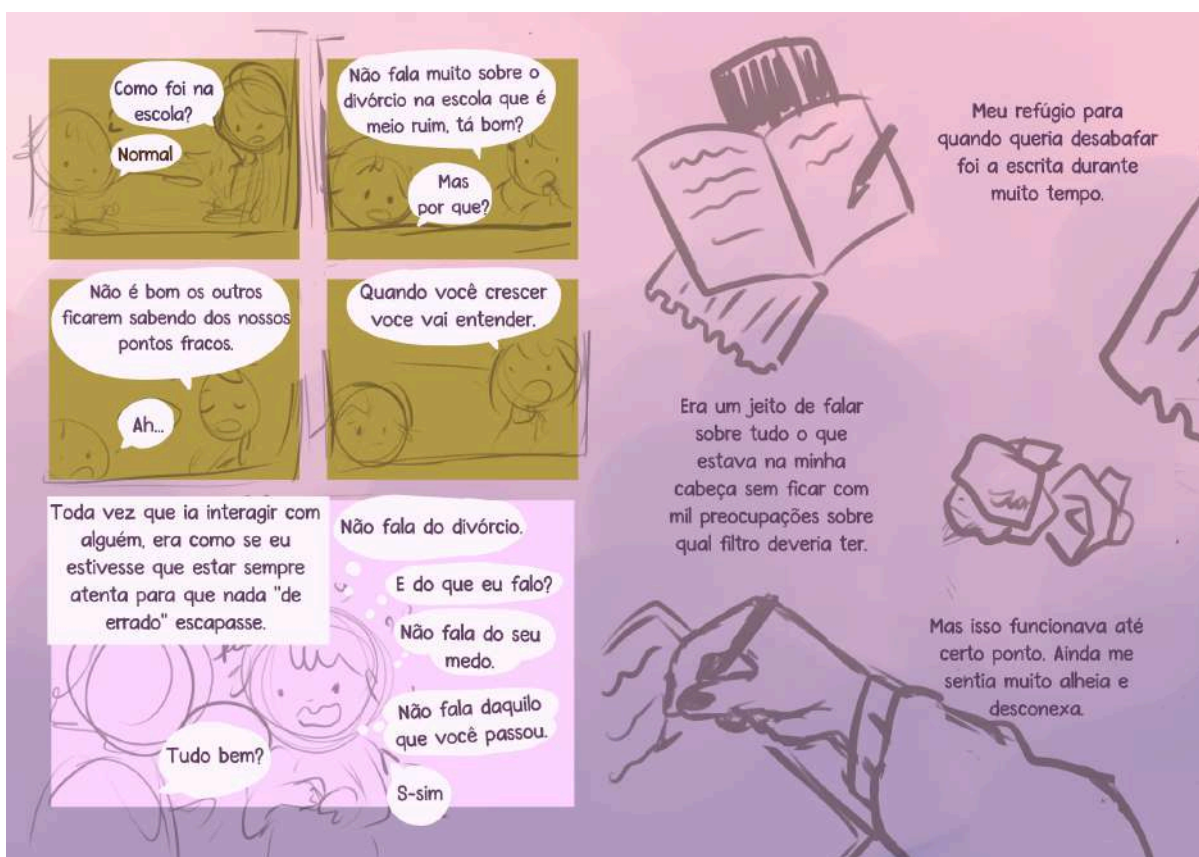
Fonte: Autoria própria (2023)

Na figura 21, ao lado esquerdo está o rascunho feito para o *storyboard*, em que seu objetivo central é comunicar o que terá naquela página numa visão geral. Já o segundo rascunho, feito sobre o primeiro, tem o objetivo de guiar a arte final. É um desenho com mais certeza no traço.

O texto foi adicionado no próprio programa *Clip Studio Paint*. Durante o processo testei colocar o texto antes e depois de finalizar a arte para entender qual caminho era melhor para facilitar o trabalho. Senti que colocar os balões de fala e o texto antes, facilitava a visualização do espaço disponível para as artes depois, já que é bem mais prático editar o texto e balões depois da arte finalizada do que a ilustração, devido a sua baixa complexidade.

Da mesma forma, delimitar o espaço dos quadros antes ajuda na hora de compor a página, assim já sei exatamente quanto espaço livre possuo para cada ilustração que irá dentro dos quadros. Na figura 22 é possível observar os quadros em uma cor contrastante ao fundo para facilitar a visualização, e a página já com os balões de fala e texto.

Figura 22 - Balões e Quadros



Fonte: Autoria própria (2023)

O próximo passo é a *lineart*. Esse termo se refere ao processo em que o rascunho é refinado e são feitas as linhas definitivas, que delimitam as figuras. Assim como o texto, as linhas também comunicam sentimentos, sentidos e sensações. Para McCloud (1993, p.136) "É demais pedir que um único sentido -a visão- seja responsável pela transmissão de tantas experiências... Mas nós fazemos isto acontecer usando a força de nossas próprias experiências para absorver o mundo." Desse modo, utilizando nossas próprias vivências e repertório, tentamos fazer com que o medo, a tranquilidade, o perfume, ou a dor sejam compreendidos através de nossos traços, que podem ser mais irregulares, retos, com espessuras variadas, e entre outros, assim como aparece na figura 23.

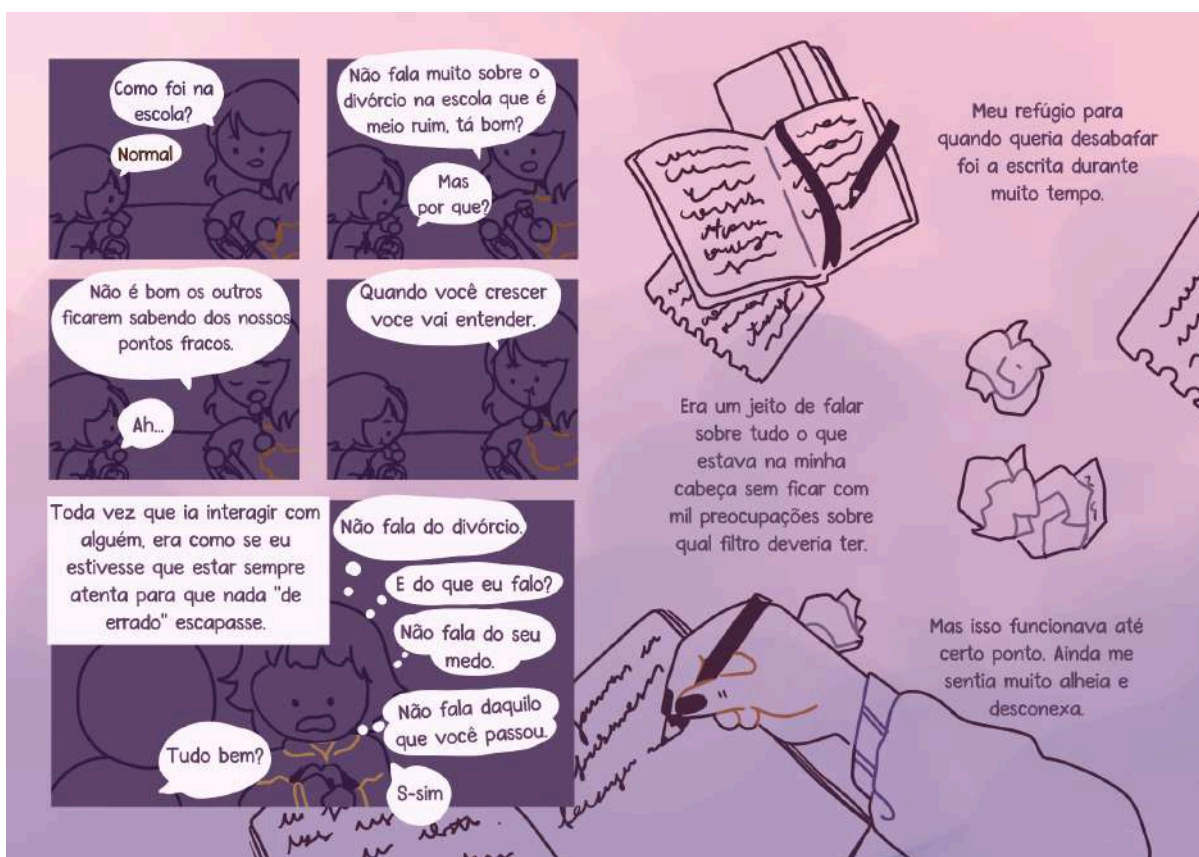
Figura 23 - McCloud - Linhas e Trações - página 120



Fonte: McCloud (1993)

Para meu quadrinho, as linhas são feitas em uma camada acima do esboço, para que assim pudesse excluir a camada de esboço sem problemas depois. A linha foi feita em um roxo escuro em um pincel sem variação de espessura. Desde o início sabia que não queria fazer linhas para delimitar os balões de fala, sendo delimitados apenas pela cor diferente do fundo (como na figura 24), e essa foi uma escolha pessoal, creio que o contraste de cores já seria o suficiente para a leitura e entendimento do balão de fala.

Figura 24 - Lineart



Fonte: Autoria própria (2023)

A etapa seguinte é a pintura, feita abaixo da camada de *lineart*. Primeiro pinte as cores base de todos os elementos, utilizando uma cor chapada seguindo as linhas feitas anteriormente. Para organizar melhor, o *Clip Studio Paint* possui uma ferramenta de pastas, assim facilitando o agrupamento de várias camadas juntas. Por cima das cores base, é feita a pintura de luz e sombra. Nesse processo utilizo um pincel que se assemelha à aquarela e, dessa forma, consigo trabalhar com a transparência e construir camadas. Isso possibilita que a sombra seja mais suave ou mais forte dependendo de quantas camadas eu faço.

Junto às cores da *lineart*, também é o momento em que construo o fundo, seguindo o mesmo processo. Cores base primeiro e depois luz e sombra, e detalhes menores. Nessa página do exemplo em específico, foi durante a pintura em que defini a localização das nuvens para que se encaixassem ao texto, já que não estavam em balões de fala. O único cuidado, nesse caso, foi a de não utilizar cores no cenário muito semelhantes à cor do texto, para que não prejudicasse a leitura. Desta maneira, na página que aparece na figura 25, a escolha foi de fazer nuvens

em branco e lilás ao fundo dos elementos textuais. Após a pintura, a página já está finalizada, e, assim que este mesmo processo é realizado em todas as páginas, já é possível prosseguir para a revisão das páginas e para a diagramação.

Figura 25 - Página Final



Fonte: Autoria própria (2023)

Após a arte-finalização de todas as páginas, compilei elas em um arquivo .pdf e encaminhei às pessoas próximas de mim para que pudessem revisar o trabalho todo. Pedi para que outras pessoas fizessem isso, pois, por já estar muito tempo trabalhando nas páginas, alguns erros poderiam passar despercebidos. Para minha psicóloga, pedi que revisasse a abordagem quanto à temática do luto. Para amigos também nipo-brasileiros, para saber se aquilo se comunicava com a vivência deles, e se havia algo a ser alterado. E, claro, erros de concordância gramatical e ortográfica, todos que notavam algo me avisaram, mas pedi para que alguns amigos fizessem uma revisão com foco na escrita.

A todo momento, durante a produção, enviava fotos do processo para amigos, que também trabalham com ilustração digital, para que me dessem um

retorno sobre a arte, ou me ajudassem a encontrar soluções para algum balão de texto que não cabia, ou um sentimento que estava incerta se sua representação estava compreensível. Essas trocas foram essenciais para que o quadrinho fluísse com mais segurança. Na figura 26, é possível observar alguns desses erros que foram apontados e reparados após essas revisões.

Figura 26 - Revisão



Fonte: Autoria própria (2023)

Em paralelo à revisão, estava planejando a capa do quadrinho. Para o título, fiquei em dúvida entre: “Saudades, Ditchan”, “Ditchan, eu continuo aqui”, e “Ditchan, você se foi, mas eu continuo aqui”. O que mais contemplava a história era o último, e acabou sendo o escolhido. Na figura 27, há dois esboços da capa na imagem 1 e 2. Nelas apresento ideias diferentes, na primeira com ícones importantes para a história, como os *onigiris*,⁹ as fotos, e os ratinhos feitos de coquinho, todos dispostos

⁹ “Onigiri (お握り) é um alimento japonês muito tradicional e amplamente consumido no país. Trata-se de um bolinho de arroz cozido, muitas vezes envolto por uma folha de nori (alga marinha japonesa).” Onigiri: como preparar o bolinho de arroz japonês. Japan House. Disponível em: <https://www.japanhousebr.com.br/artigo/onigiri-como-preparar-bolinho-de-arroz-japones/#:~:text=On>

numa mesa. Já a segunda imagem, uma mão de um adulto mais velho ao lado esquerdo, e a de uma criança ao lado direito, ambas segurando um *onigiri* como uma menção a um relato presente no quadrinho (que pode ser lido na figura 28). Por ter uma interação, uma ação acontecendo, como se as mãos estivessem brindando os *onigiris*, achei que o segundo esboço serviria melhor para a capa do que os objetos estáticos da primeira ideia.

Figura 27 - Versões teste e capa final



Fonte: Autoria própria (2023)

Figura 28 - Onigiri

Fonte: Autoria própria (2023)

Assim, a imagem 3 da figura 27 já apresenta a arte finalizada, com alguns testes com a composição no fundo, mas que foram descartados. A imagem 4 é a capa definitiva do quadrinho, as cores foram baseadas no último capítulo, pois é o momento mais tranquilo e reflexivo entre os três capítulos apresentados, um momento em que há a aceitação do luto e de como tudo isso impacta na vida hoje.

Seguindo essa ideia, é também a primeira impressão que queria transmitir sobre a minha história. Uma narrativa que trata de um tópico difícil, mas que tenta sempre acolher e pensar nesse momento com naturalidade, uma consequência de estar vivo. Todos que um dia têm uma vida irão lidar com o luto, seja de um parente próximo, um amigo, ou um bichinho. Ainda o luto também pode acontecer por uma relação que terminou, ou um emprego que foi perdido. É impossível viver sem ter que enfrentar a perda, a morte, durante sua trajetória.

Figura 29 - Diagramação



Fonte: Autoria própria (2023)

Agora com a capa e todas as páginas feitas, é o momento de diagramar o quadrinho e prepará-lo para a impressão. Para isso, utilizei o *Adobe InDesign*. A diagramação é o processo de planejar os elementos de uma peça gráfica, como títulos, legendas, imagens que compõem o material a ser impresso. No meu caso, adicionei no programa o texto utilizado na sinopse, a ficha técnica no início e adicionei páginas de conteúdo extra, relatando sobre o processo de criação. Também reposicionei alguns elementos nas páginas que estavam além da margem de segurança (marcas que aparecem em magenta na figura 29), por exemplo, algum texto muito perto de alguma das bordas poderia ser cortado e, consequentemente, prejudicaria a legibilidade do texto. Feita a diagramação, salvo o arquivo em *.pdf* e já está pronto para a gráfica¹⁰.

¹⁰ A versão digital do quadrinho pode ser vista no Apêndice A.

Figura 30 - Capa e contracapa



Fonte: Autoria própria (2023)

Vale ressaltar que a gráfica solicita dois arquivos para a produção: o arquivo de capa e o de miolo. Para o processo do arquivo de capa, inseri a arte criada junto com a contracapa, que contém a sinopse da história (esta imagem pode ser vista na figura 30). Outro fator a se atentar é sobre fazer o registro de direitos autorais e de ISBN¹¹, ambos os serviços podem ser realizados na Câmara Brasileira do Livro (CBL).

¹¹ "O ISBN foi criado com o objetivo de fornecer uma espécie de "RG" para publicações monográficas, como livros, artigos e apostilas. A difusão global do ISBN e a facilidade com que é lido por redes de varejo, bibliotecas e sistemas gerais de catalogação, tornou-o imprescindível para qualquer publicação." ISBN. Câmara Brasileira do Livro. Disponível em: https://cbl.org.br/plataforma_de_servico/isbn/. Acesso em: 26 jun. 2024.

Figura 31 - Tirinha "Finalizando o quadrinho"



Fonte: Autoria própria (2023)

4 COMPARTILHANDO MINHA HISTÓRIA

“Ditchan, você se foi, mas eu continuo aqui” é uma obra que revela para o mundo aspectos profundamente pessoais meus, vivências, e pensamentos que compartilhava apenas com as pessoas mais íntimas de meu convívio. Por falar sobre luto, um tema complicado e evitado, temia que as críticas que fossem dirigidas ao meu trabalho fossem, na verdade, críticas à minha própria história. Contudo, apesar desse receio, creio que compartilhar minhas reflexões através desse quadrinho poderia ser uma porta de entrada para uma conversa mais natural sobre a morte e o luto. Também externalizo minhas experiências com esperança de que seja acolhedor àqueles que estejam passando ou passaram pela perda de alguém querido.

O lançamento do quadrinho foi realizado na CCXP23 de maneira independente. Ali, o quadrinho finalmente teria seu primeiro contato com o público geral. Antes disso, havia compartilhado em minhas redes sociais apenas algumas cenas do processo de produção da HQ. Infelizmente, os quadrinhos impressos não chegaram a tempo de serem vendidos no evento, mas lá havia um exemplar impresso, e assim, a pessoa poderia garanti-lo em pré-venda. Foi muito especial poder lançar meu primeiro projeto maior no mesmo espaço que tantos quadrinistas experientes e que serviram de referência para meu próprio trabalho.

Figura 32 - Reações na CCXP



Fonte: Autoria própria (2023)

A insegurança é enorme, mas pensar em por que escolhi tratar daquele tema e por que acho ele tão importante é o que me traz confiança para comentar sobre

ele e apresentá-lo ao mundo. Não foi preciso muito tempo para ter o retorno que esperava. Ali no evento, só de ler o título, muitas pessoas se interessaram, se emocionaram e começaram a conversar comigo sobre reflexões que surgiram naquele curtíssimo espaço de tempo. Alguns, por também serem nipo-brasileiros, se identificaram por também terem perdido seu ditchan recentemente, outros por terem perdido alguém, independentemente de sua ascendência.

Outro ponto pelo qual creio que esse tema tenha reverberado com muitas pessoas é por seu contexto, já que foi um quadrinho lançado logo após a pandemia de COVID-19, um momento em que muitos tiveram de lidar diretamente com a morte, seja em sua família, amigos ou as grandes notícias na mídia. “O número de óbitos cresceu 18,0% em 2021, cerca de 273 mil mortes a mais do que em 2020, totalizando aproximadamente 1,8 milhão” (GOMES, 2023)¹². Apesar de meu ditchan não ter sido vítima do covid-19, muitas vítimas eram também idosas, por serem grupo de risco, mas a pandemia acabou afetando não só as vítimas do COVID-19, mas também outros pacientes, já que houve superlotação nos hospitais, por exemplo. Assim, a conversa sobre luto, e principalmente a naturalidade em se falar sobre ele, se torna ainda mais pertinente ao momento em que estamos vivendo.

Durante os cinco dias de CCXP23 (dias 30 de novembro a 3 de dezembro), recebi várias primeiras impressões de minha obra, de pessoas que folhearam, leram a sinopse e admiraram a capa, mas só após dois dias do evento que as cópias do quadrinho chegaram e finalmente pude enviá-los a quem comprou. Como brinde de pré-venda, foram enviados junto do impresso três cartões postais com artes de cenas da história e uma cartela de adesivos com algumas ilustrações também reaproveitadas das páginas já produzidas. Os cartões postais foram impressos em papel *couché* 230g, laminados em BOPP, e a cartela de adesivos em papel fotográfico 135g laminado em BOPP.

¹² GOMES, Irene. Em 2021, número de óbitos bate recorde de 2020 e número de nascimentos é o menor da série. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/36308-em-2021-numero-de-obitos-bate-recorde-de-2020-e-numero-de-nascimentos-e-o-menor-da-serie> Acesso em: 14 jun. 2023.

Figura 33 - Quadrinho impresso e brindes



Fonte: Autoria própria (2023)

Ao dividir minha história, não sabia bem o que esperar como resposta dos leitores. Também não sabia se eu conseguiria escrever uma história que desse para se identificar com as situações, se era uma história imersiva, mesmo que não muito longa. Mas, com as devolutivas obtidas consegui ter uma maior noção de que maneira meu quadrinho atingiu cada um que leu. Mesmo que a maioria tenha compartilhado sobre terem perdido também algum avô ou avó, cada um expressou isso de uma maneira única, por conta de suas vivências e repertório. É muito gratificante pessoas que mal me conhecem se sentirem à vontade para relatar como foi também seu processo de luto, ou dividir os pensamentos e sentimentos que surgiram a partir da leitura de meu quadrinho.

Especialmente como alguém que produz quadrinhos, valorizo muito esses relatos, histórias de vida que fazem parte de quem essas pessoas são, e fico muito feliz que o meu quadrinho por si só tenha construído um ambiente seguro e acolhedor, ao ponto de os leitores se sentirem tranquilos com os sentimentos ali provocados e chegarem até mim conversando sobre isso de maneira tão natural. E isso acontece porque antes deles se vulnerabilizarem, eu corri esse risco primeiro, o que os encoraja a também compartilhar suas reflexões e sentimentos.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi possível acompanhar todo o processo de criação de uma HQ independente e autobiográfica, desde as primeiras ideias e motivações até sua venda ao público e primeiras devolutivas. Apesar do peso em se dividir uma parte de minha história tão vulnerável, creio que, por eu compartilhar meu sofrimento, os leitores se sentem à vontade para conversar sobre o deles também, gerando um espaço seguro.

Até chegar no primeiro *storyboard*, foi necessário compreender o que é um quadrinho e como transformar as motivações primárias em anotações e esboços, considerando que o primeiro passo é o mais difícil. A partir desses primeiros rascunhos foi possível escrever o roteiro e, em seguida, o *storyboard*, que é a base para todo o quadrinho, em que já é possível ver a história tomando forma. Como foi minha primeira vez criando um projeto maior, o processo é desafiador, mas, com a ajuda de referências em quadrinhos e em outros tipos de narrativas, o quadrinho passou para a etapa de arte finalização.

Nessa segunda parte, cada página do quadrinho foi finalizada a partir de arte digital e passou pela limpeza no esboço, *lineart*, adição dos balões de fala e quadros e, enfim, as cores junto de luz e sombra. Após todas as páginas passarem por essas etapas, a HQ pôde ser passada para a diagramação. Junto a isso, foi realizada a criação de capa e contracapa. Com o quadrinho pronto digitalmente, ele passou pela CBL para ser catalogado e receber seu ISBN e para adquirir os direitos autorais da obra. Assim, o arquivo ficou pronto para ser enviado para a gráfica.

A partir das vendas na CCXP23, obtive a resposta do público quanto à minha história e assim consegui entender melhor se ela cumpriu com seu objetivo em se criar um espaço mais aberto e natural para se falar sobre morte e luto. A maneira como essas devolutivas chegaram até mim, de maneira espontânea e não tão formal, no mesmo tom de qualquer outra conversa, provaram que esse objetivo se fez concluído. Assim, espero que este trabalho cumpra sua função como estímulo para aqueles que desejam compartilhar suas reflexões e dores para o mundo, mesmo que seja desafiador, pois, pelo menos para mim, toda essa jornada foi, além de uma produção importante, um processo de cura de luto, que está todo documentado aqui.

O luto, que era um lugar de dor no início desta pesquisa, foi ressignificado para um projeto maior e hoje, com o projeto concluído, percebo que ele não deixa de doer às vezes, mas junto da dor há todas as boas lembranças que suscitei para planejar os quadrinhos e todas as vivências que compartilham comigo após lerem minha história; criar um quadrinho só faz sentido quando há alguém para lê-lo.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. **Indústria cultural e sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CIRNE, Moacy. **A explosão criativa dos quadrinhos**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 1974.
- COUTINHO, Rejane. Vivências e experiências a partir do contato com a Arte. In: TOZZI, Devanil; COSTA, Marta M.; HONÓRIO, Thiago. **Ideias: educação com arte**. São Paulo: FDE, 2004. v. 31, p. 143-158.
- DOUGHTY, Caitlin. **Confissões do Crematório** - Lições Para Toda a Vida: Acenda o forno. São Paulo: Darkside, 2016.
- EÇA, Teresa T. Perguntas no ar sobre metodologias de pesquisa em arte-educação. In: DIAS, Belidson; IRWIN, Rita. **Pesquisa educacional Baseada em Arte: Ar/tegrafia**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 71-82.
- ECO, Umberto. **Apocalípticos e Integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- FARINA, Modesto; PEREZ, Clotilde & BASTOS, Dorinho. **Psicodinâmica das cores em comunicação**. 5. ed. São Paulo: Blucher, 2006.
- Kworin (pseudônimo de Yasmin Kaori Fukumoto)
KWORIN. **Ditchan, você se foi, mas eu continuo aqui**. 1. ed. São Paulo: 2023.
- GARCÍA, Santiago. **A novela gráfica**. São Paulo: Martins Fontes, 2012.
- Monge Han (pseudônimo de Eric Han Schneider)
HAN, Monge. **Vozes Amarelas**. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2023.
- hooks, bell. **Tudo sobre o amor: novas perspectivas**. São Paulo: Elefante, 2020.
- KUNZLE, David. **History of the comic strip: The nineteenth century**. Oakland: University of California Press, 1973.
- MCCLOUD, Scott. **Desvendando os quadrinhos**. São Paulo: MBooks, 1993.
- MOYA, Alvaro. **História da história em quadrinhos**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- NAGATA, Kabi. **Minha experiência lésbica com a solidão**. São Paulo: Newpop, 2019.
- OSEMAN, Alice. **Heartstopper**, vol. 4: de mãos dadas. Tradução de Guilherme Miranda. 1. ed. São Paulo: Seguinte, 2022.
- OSTERTAG, Molly Knox. **A garota do mar**. Rio de Janeiro: Galera, 2022. 256 p.

SAMPAIO, Cícero Henrique da Cruz. **WEBCOMICS: dos átomos aos bits**. 2018. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - Centro de Artes, Universidade Regional do Cariri, Ceará, 2018.

ZAUNER, Michelle. **Aos prantos no mercado**. São Paulo: Fósforo, 2022.

Webgrafia:

CARUSO, Gabriela. O vazio deixado pelas referências que se vão - Ou: perdemos bell hooks. **FGV**, Rio de Janeiro, 16 dez. 2021. Disponível em: <https://diretorio.fgv.br/noticia/o-vazio-deixado-pelas-referencias-que-se-vaou-perdemos-bell-hooks#:~:text=bell%20hooks%2C%20assim%20mesmo%2C%20em,e%20n%C3%A3o%20em%20sua%20pessoa> Acesso em: 03 set. 2024.

CCXP bate recorde de público em edição de 10 anos. **Omelete**, 06 dez. 2023. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/ccxp/ccxp-bate-recorde-de-publico-em-edicao-de-10-anos#:~:text=CCXP23%20reuniu%20287%20mil%20pessoas&text=06.12.2023%2C%20%C3%A0s%2015H15..edi%C3%A7%C3%A3o%20hist%C3%B3rica%20de%20dez%20anos> Acesso em: 03 maio 2024.

GOMES, Irene. Em 2021, número de óbitos bate recorde de 2020 e número de nascimentos é o menor da série. **Agência de Notícias**. In: IBGE, 13 abr. 2023. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/36308-em-2021-numero-de-obitos-bate-recorde-de-2020-e-numero-de-nascimentos-e-o-menor-da-serie> Acesso em: 14 jun. 2024.

ISBN. **Câmara Brasileiro do Livro**. Disponível em: https://cbl.org.br/plataforma_de_servic/isbn/ Acesso em: 26 jun. 2024.

MARCIANEK. Comic Storyboard Template. **DeviantArt**, 09 fev. 2019. Disponível em: <https://www.deviantart.com/marcianek/art/Comic-Storyboard-Template-784889487> Acesso em: 18 jun. 2024.

ONIGIRI: Como Preparar o Bolinho de Arroz Japonês. Vamos preparar um onigiri? **Japan House**. Disponível em: [https://www.japanhousesp.com.br/artigo/onigiri-como-preparar-bolinho-de-arroz-japones#:~:text=Onigiri%20\(%E3%81%8A%E6%8F%A1%E3%82%8A\)%20%C3%A9%20um%20alimento,ou%20outras%20carnes%20e%20condimentos](https://www.japanhousesp.com.br/artigo/onigiri-como-preparar-bolinho-de-arroz-japones#:~:text=Onigiri%20(%E3%81%8A%E6%8F%A1%E3%82%8A)%20%C3%A9%20um%20alimento,ou%20outras%20carnes%20e%20condimentos) Acesso em: 7 jul. 2024.

APÊNDICE A

"Ditchan, você se foi, mas eu continuo aqui"

Em setembro de 2022, perdi pela primeira vez alguém muito próximo, meu ditchan. Ao noticiar isso, foi uma das raras vezes em que vi minha família se deixando ser vulnerável e demonstrando o que sentia. Desde então venho refletindo sobre a morte, que é inevitável, e como saber disso influencia em como vivo. "Ditchan, você se foi, mas eu continuo aqui" é uma obra sobre luto, mas também é um convite para a reflexão sobre a vida e o amor.



**DITCHAN,
VOCÊ SE FOI, MAS EU
CONTINUO AQUI**

KWORIN



DITCHAN,
VOCÊ SE FOI, MAS
EU CONTINUO AQUI



KWORIN

ALERTA DE GATILHO

Esta obra narra a minha perspectiva lidando com a morte e luto. Caso sejam temas que te sensibilizem muito, recomendo uma leitura atenta ou deixá-la para outro momento.

Elaborado por: Brenner Ribeiro – Bibliotecário – CRB-7 Registro Provisório 100/23

F961d Fukumoto, Kaori
Ditchan, você se foi, mas eu continuo aqui / Kaori Fukumoto ;
[ilustrações da autora] – 1a ed. – São Paulo, 2023.

60f. il.:

ISBN 978-65-981911-0-8

1. História em quadrinhos 2. Luto I. Título. II. Fukumoto, Kaori





Para meu ditchan, Hideo, e
todos que de certa forma
fazem parte de quem sou.



Na dominação de Terra, eles conseguem dobrar calcário que é 50% cálcio. Então um dobrador de terra consegue dobrar OSSO??



Po queria muito um RPG de Avatar pra ter um dobrador de osso...

ué, chegou alguém...

Acho que a Toph sim porque ela é uma grande loira subjetiva, ela tem o protagonismo de uma loira.



É, não teve como mesmo. Os médicos fizeram o possível. Vamos ver ainda que horas vai ser o velório.

Em setembro de 2022, perdi pela primeira vez alguém muito próximo, meu ditchan. Ao noticiar isso, foi uma das raras vezes em que vi minha família se deixando ser vulnerável e demonstrando o que sentia. Desde então venho refletindo sobre a morte, que é inevitável, e como saber disso influencia em como enxergo a morte, a vida e o amor.



おじいちゃん

1. MORTE



Acho compreensível
temer a morte.

Ela pode nos tirar pessoas
queridas bichinhos e, claro,
nossa própria existência.

Com isso nos é arrancado
não só aquele que faleceu,



mas também o que
aquela relação provia.



Meu vô morreu,

claro que isso me faz sofrer.



Mas acho que o mais difícil pra mim é ver
minha família sofrendo também e não poder
fazer muito além de estar presente.

Queria que fosse possível arrancar todo o
sofrimento de quem eu amo.

Se não isso, como lidar com essa sensação
de que o mundo tá desabando?



De me sentir tão minúscula e perdida
no meio de tanto vazio?

Que tal respirar fundo?

Respirar? Mas que coisa besta!

Mas é o que conseguimos
controlar agora.

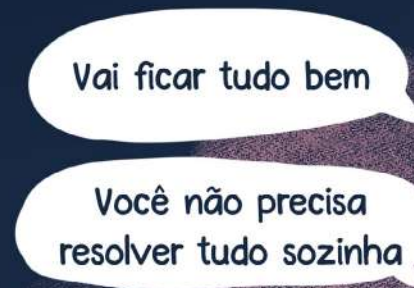
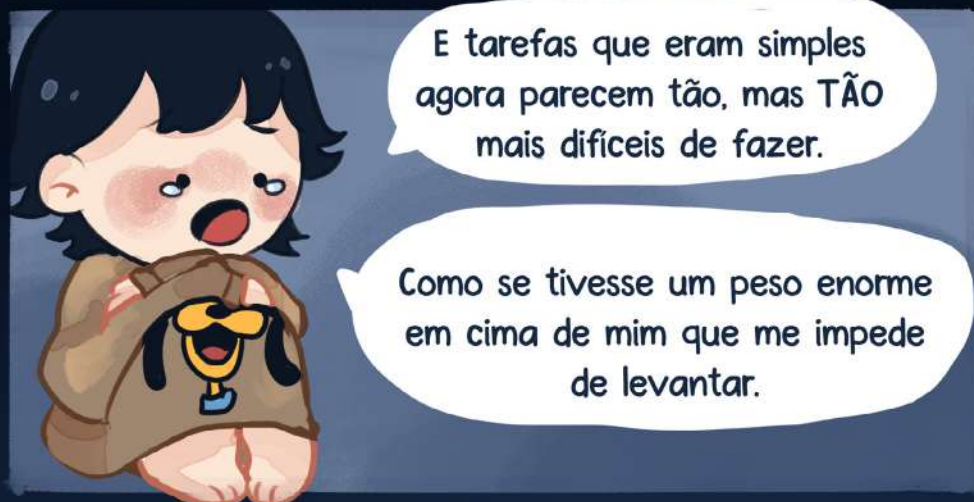
Depois te ajudo a pensar no que
fazer depois, vou estar com você.

A



Não entendi direito,
mas vou tentar.





Pode ser meio turbulento, mas aos poucos
as coisas se ajeitam

Sei que lidar com a morte é
muito, muito difícil,

mas ser assombrado por um luto
mal resolvido a vida toda
também não soa... ruim?



e os sentimentos vão se transformando e
as memórias sendo ressignificadas.

2. ViDA

11:00
12:00 Terapia

Oi Ka! Como foi a semana?

Karina, é muito difícil fingir que nada tá acontecendo pra continuar fazendo tudo o que tenho pra fazer.

Eu tô tão confusa, parece que tem mil abas abertas na minha cabeça e não consigo estar presente nunca.

Poxa Ka, sinto muito por isso! Queria poder te abraçar nesse momento!



Inspira
1, 2, 3, 4, 5...

Pausa
1, 2...

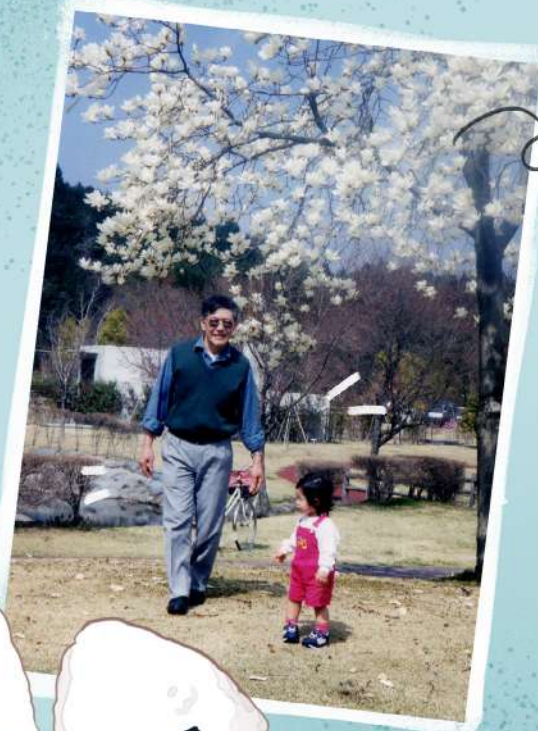
Expira
1, 2, 3, 4, 5, 6...

Apesar de tudo, você não acha que estar se sentindo assim condiz com tudo o que está acontecendo na sua vida?

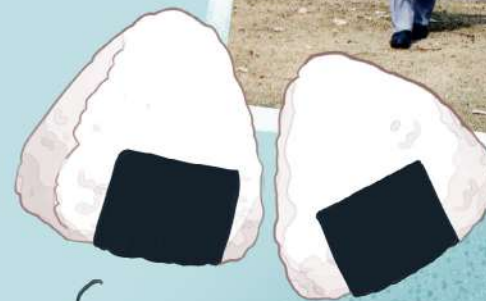
É verdade....

Vamos pensar aos poucos sobre cada coisa? Que tal falarmos sobre como era sua relação com seu avô primeiro?

Vim ao Brasil com minha mãe e meu irmão aos 2 anos de idade. Até então, tinha convivência com meu avô, mas tudo o que sei dessa convivência é por fotos e histórias que me contam.



no Japão



Ele sempre trazia um onigiri pra mim porque sabia que eu sempre ia pegar dele. Isso, depois, virou costume com várias outras comidas até seus últimos dias.

Fui ter um contato maior com ele aos 7 anos, quando ele voltou para o Brasil. Apesar de já ter conversado com ele por telefone, pra mim era quase como um estranho que apareceu para morar em casa.



Por ter mãe solteira, mesmo morando com meus avós, ela sempre trabalhou muito revezando entre 2 ou 3 empregos. Assim, tinha muito tempo com meus avós. Eles me levavam para bingos, pescarias e claro, morando junto também vem os momentos chatos como correção da lição de casa!



Em casa, nunca fomos de falar "eu te amo", mas sempre demonstramos afeto através de ações.

Comprei potes novos pra você colocar seus temperos.



Fiz a comida que você gosta!



Tá chovendo, te dou carona pro metrô !



Oxe, queisso?



Ah, que legal!



Kaori, pra você.



Pra você fazer ratinho!



Meu ditchan sempre ficava na sala de estar, acompanhado dos cachorros de casa. então sempre que ia sair de casa passava pela sala e me despedia dele.

To indo pro estágio!

Tá bom, liga quando for pra buscar no ponto.

Hoje ainda me despeço dele



Acende senko pro Ditchan pra ele proteger!

Já acendi!
To indo!



Mas sei que na verdade ele vai estar sempre comigo.



E tudo isso é só uma fração de quem ele foi. Sei que ele continua vivo não só em mim, mas em todos que um dia se permitiram ser afetado por ele.



3. AMOR

Sempre foi difícil pra mim me conectar com as pessoas.

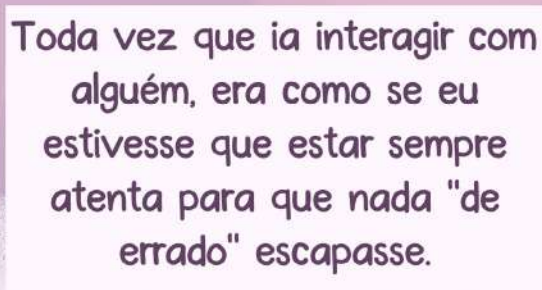


Isso sempre fez eu me sentir muito sozinha



e me questionar o que estava fazendo de errado para não me sentir amada, quando parecia tão fácil para as pessoas ao meu redor.





Meu refúgio para quando queria desabafar foi a escrita durante muito tempo.

Era um jeito de falar sobre tudo o que estava na minha cabeça sem ficar com mil preocupações sobre qual filtro deveria ter.



Mas isso funcionava até certo ponto. Ainda me sentia muito alheia e desconexa.



Sabia sim que era amada, mas era como se precisasse ficar o tempo todo em busca de resquícios desse amor no dia a dia, e às vezes estava cansada demais para começar a busca diária.

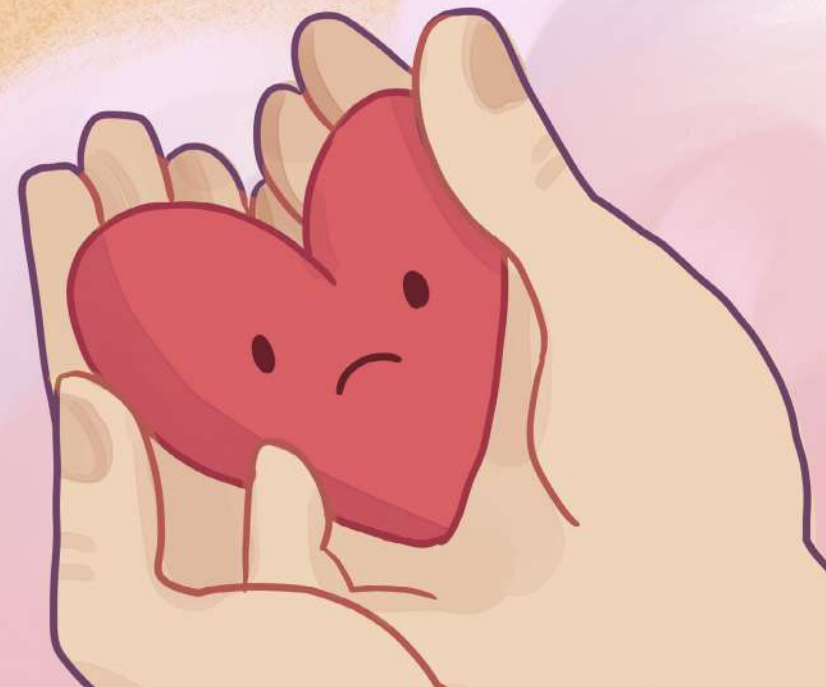
Com o tempo percebi que não iria sanar essa necessidade se continuasse evitando me aproximar das pessoas por medo.

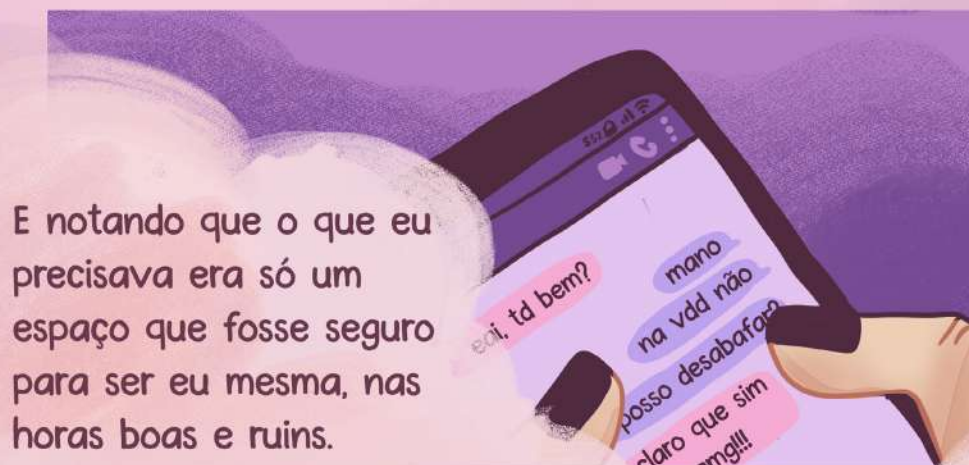
Acabava sim me poupando de dores que poderia ter, como frustrações ou decepções, mas mesmo nesse espaço seguro e conhecido, ainda conviveria com o peso de ter que enfrentar o mundo sozinha.

"Viver é sempre estar se perguntando "Qual difícil eu escolho dessa vez?"



E muitas vezes parecia que essa jornada mal tinha um fim.







Acho que o importante é manter o coração sempre aberto.

A morte assusta, mas também é um convite para se pensar na temporariedade das coisas. Tudo é passageiro.

O que fazer para no final da vida pensar que valeu a pena ter vivido?

E quais os arrependimentos não quero ter quando eu ou quem eu amo partir?

Essas são algumas perguntas que me faço
quando me sinto sem um norte.

Elas jamais vão curar toda a dor e saudade
que um luto pode causar.

Mas talvez essas perguntas ajudem a, primeiramente,
começar a reimaginar novos caminhos.

Afinal, eles se foram, mas nós continuamos aqui, né ?

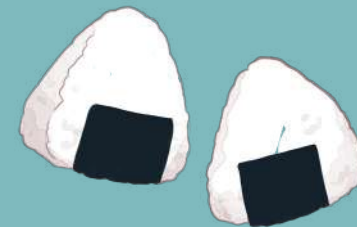


NOTA DA AUTORA

Oie, aqui é a Kaori, ou Kworin! Agradeço imensamente por se interessar e ler minha história. Espero que de alguma forma ela te lembre que você não está sozinho!

Apesar de apreciar muito os quadrinhos, nunca tinha me interessado em produzir um até passar pelo luto do meu avô. Ainda não sabia que a linguagem final seria um quadrinho, mas sabia que era uma história que gostaria de contar através da minha arte.

Também sinto que esse quadrinho me permite manter essas memórias vivas e me lembrar de onde (e com quem) eu vim, para assim conseguir traçar para onde vou.



OBRIGADA!



Acompanhe mais do
meu trabalho em:
@KWorIN_

